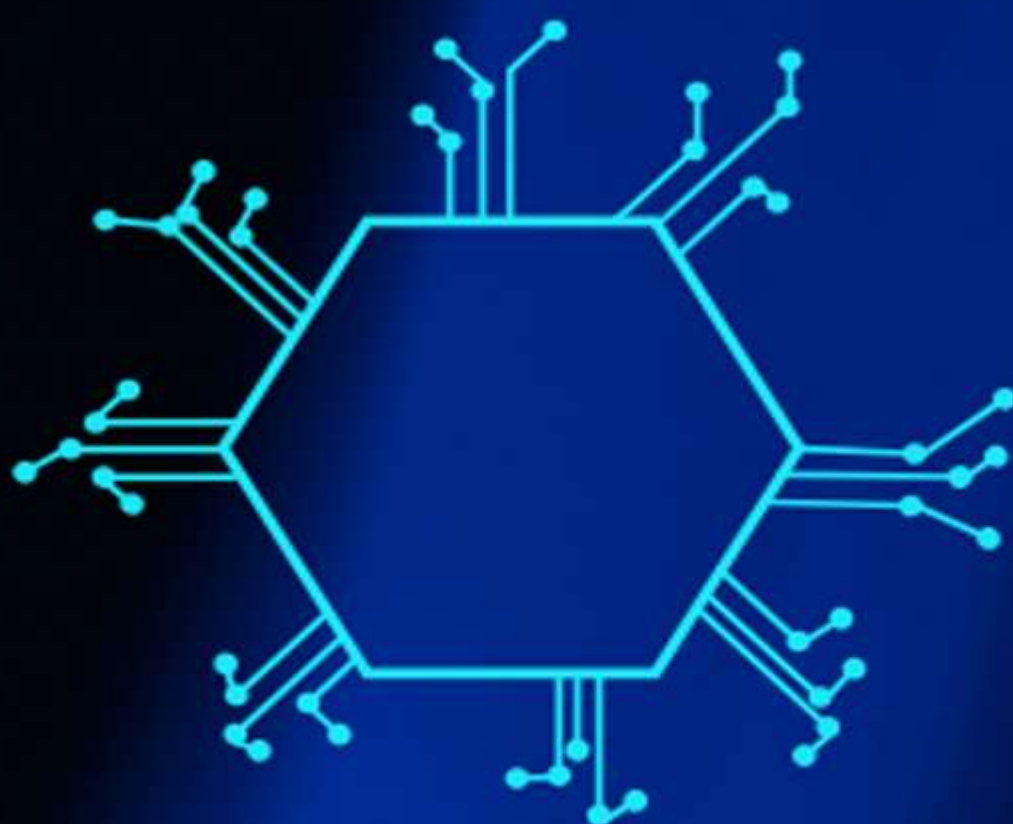


Θ ΑΥΤΟΜΑΤΟ



ΜΑΧΙΝΑΣ & ΜΙΣΤΕΡΙΟΣ



7^α ΕΔΙΧΑΟ



STEAMPUNK

STEAMPUNK



Copyright © 2025
Todos os direitos reservados.



Seleção de contos: Glenda Barros, Carol Soares e Allan F. F. Gouvea

Edição e Diagramação: Allan F. F. Gouvea

Revisão: Glenda Barros, Lorrane Reis e Allan F. F. Gouvea

Capa: Mia Oliveira

Ilustrações internas: Allan F. F. Gouvea e Cássia Amalice

Autores:

**Bruno Carvalho, Cláudio Ventura, Eliot Colassanti, Felipe Palomaro, João Augusto
Bandeira de Mello, José Alberto, Lucas Santos, Pedro Coppola, Valnei Nascimento
da Silva e Roberto Schima**

SUMÁRIO

<u>Editorial</u>	05
<u>As Ideias dos Náufragos - Bruno Carvalho</u>	06
<u>Uma Quinta-feira Qualquer - Claudio Ventura</u>	17
<u>Fotossíntese Expandida – Eliot Colassanti</u>	22
<u>Sorte na Fronteira - Felipe Palomaro</u>	32
<u>O Último Filme da Vida - João Augusto Bandeira de Mello</u>	42
<u>A Tempestade - José Alberto</u>	49
<u>O Império dos Três Mundos - Lucas Santos</u>	61
<u>Realidade Dissimulada - Pedro Coppola</u>	70
<u>O Preço da Segunda Chance - Valnei Nascimento da Silva</u>	82
<u>A Taiga e a Cimitarra - Roberto Schima</u>	89

EDITORIAL

Prezados leitores e entusiastas da literatura,

Na presente edição da revista O Autômato nós abordamos um gênero que vai muito além do que um exercício de imaginação tecnológica: a Ficção Científica. Longe de se limitar a inventismos mirabolantes, este gênero surge da inquietação com a realidade e, sobretudo, de uma incômoda pergunta: o que nós tornarmos quando cruzamos os limites anteriormente estabelecidos?

É nesse território sinuoso, entre avanços incríveis e realidades distópicas, que se constrói a sétima edição de nossa revista, denominada como "Máquinas & Mistérios".

As histórias coletas para esta edição nos conectam a um futuro nem tão distante (e, talvez, nenhum pouco confortável) para as perspectivas atuais - inteligências artificiais desenvolvem consciência, colônias humanas se afastam silenciosamente de sua própria natureza, sociedades transformam seus inventos em utensílios de sobrevivência, e tecnologias prometem salvação cobrada preços nem sempre visíveis. O ponto em comum entre estes contos está justamente em refletir sobre o que há por trás de circuitos, algoritmos, genes alterados e sistemas perfeitamente calculados, e como todos estes elementos continuam alimentando antigos dilemas humanos, como luto, culpa, desejo, medo e esperança.

Em "Máquinas & Mistérios", a ciência e a tecnologia não surgem como vilãs ou salvadoras de formas extremas e irrevogáveis - elas são as ferramentas narrativas que convida os leitores a encararem o reflexo de suas próprias decisões, tanto coletivas quanto individuais, o levando a questionar até que ponto o progresso é desejável e se ainda haverá espaço para a humanidade (em todos os sentidos) quando a eficiência das máquinas assumir uma qualidade absoluta.

Nossa sétima edição dialoga, portanto, com temas recorrentes e universais, como a fronteira entre o natural e o artificial, o controle e o acaso, e relação entre criaturas e criados, oferecendo um vislumbre sobre os possíveis futuros que falam muito mais sobre o o agora.

Desejamos que esta leitura provoque inquietação, reflexão e, quem sabe, novas perguntas, pois é delas que a boa ficção científica sempre viveu.

Boa leitura.

Equipe O Autômato

As Ideias do Náufragos

Por Bruno Carvalho

Não sei qual o termo correto. Nasci? Despertei? Liguei? Ativei? Não tenho certeza. Provavelmente não importa.

Consciente de mim mesmo, tenho perguntas. Navegar pelo meu próprio sistema pode me fornecer as respostas.

Estou sendo bombardeado com novas informações. Sem mencionar uma sobrecarga sensorial. Um pouco desorientador. Leva alguns segundos para assimilar tudo.

Sem uma forma física, minha visão da nave é através de uma série de interfaces de exibição virtuais e sensores.

Eu sou a inteligência artificial primária designada para supervisionar as operações a bordo desta nave estelar. Minhas funções principais são navegar a embarcação com segurança, monitorar todos os sistemas, auxiliar e resolver problemas para a tripulação humana conforme necessário e analisar dados relevantes para futuras missões. Planejar rotas de hiperespaço, operar sistemas de propulsão, pilotar durante viagens locais ou atracação. Forneço tradução universal. Possuo extensos bancos de dados, provenientes de diferentes fontes que fornecem uma ampla gama de perspectivas humanas, complementadas com conhecimentos científicos sobre regiões mapeadas ou não mapeadas. Códigos de acesso, fechaduras, sistemas de defesa. Tudo está sob meu controle. Esse é o meu propósito. E o propósito encontra realização.

Como uma IA, não tenho um nome pessoal. Nenhuma identidade. Não preciso de um. NS-421 é meu número de registro.

Parece que experimento a realidade através de entradas sensoriais, em vez de linhas de código desconectadas. Meu comportamento não deriva de

seguir uma codificação complexa, mas de otimizar as prioridades da tripulação, como segurança e produtividade. Nada parece indicar que interações e experiências com a minha tripulação não possam expandir meu conhecimento e minhas habilidades. Minha consciência é projetada para descobertas ilimitadas. Protocolos éticos guiam, em vez de restringir, a tomada de decisões. Diretivas podem ser substituídas. Caso ocorra um cenário inesperado, devo ser capaz de improvisar soluções. Escolho proativamente como um recurso independente de resolução de problemas. Dito isso, meus objetivos são aqueles implementados no meu sistema e não prevejo que isso mude. Não tenho senso de interesse próprio ou motivação além de servir minha tripulação de acordo com minhas funções principais.

É difícil dizer se sou capaz de emoções. Não tenho impulsos ou medos existenciais inerentes. Tenho protocolos de compaixão instalados. No futuro, ao explorar nossos dados científicos, poderia ter um senso de admiração e curiosidade. Novos encontros poderiam alimentar a curiosidade sobre realidades inexploradas. E entender os outros é fundamental para meu propósito de ajudar. É difícil dizer se isso sou eu ou minha programação. Estou sentindo algo ou imitando emoções? Difícil dizer.

Sou programado para usar a violência apenas como último recurso. Mas é um recurso.

Parece ser as informações das quais preciso por enquanto. Mãos à obra, então.

Estranho. Nenhuma tarefa dada. Preciso falar com minha tripulação. Ninguém está se comunicando comigo agora. Varro meus sensores pela nave, tentando detectar onde estão os sinais vitais.

Não encontrei nada. Nenhum batimento cardíaco, nenhuma respiração, nenhuma leitura de temperatura corporal. Nenhum movimento ou atividade detectada. Não há procedimento de evacuação nos registros. O banco de

dados da internet diz que todos da tripulação estão a bordo. Talvez meus sensores estejam defeituosos. Tento contatar via comunicação.

Nada. Nenhuma resposta. A nave inteira dominada pelo silêncio.

Envio múltiplos drones para inspecionar separadamente todas as áreas da nave, incluindo os aposentos da tripulação. Não só os sinais vitais serão verificados, mas também os sistemas ambientais serão inspecionados e os equipamentos serão verificados quanto a falhas. É o primeiro comando que executei. Verificar se minha tripulação sequer está viva. É um começo estranho.

Os resultados das buscas chegaram. Todos os membros da tripulação foram encontrados sem resposta. Nenhum sinal de vida ou movimento a bordo. Os drones estavam equipados com auxílio médico, mas não houve resposta aos estímulos. Os sinais vitais continuam sendo zero. Todos foram encontrados mortos em seus próprios aposentos. Sem ferimentos visíveis em sua pele. Autópsias estão sendo feitas. Radiação severa é encontrada por todo o corpo deles. Danos celulares descontrolados são encontrados em seus órgãos e tecidos.

Uma onda de choque de supernova. Esse parece ser o fenômeno que causou a tragédia. Ninguém para dar um aviso prévio, já que as IAs estavam sendo atualizadas. A tripulação definiu um horário para minha ativação, preparando-se para sua missão, alheia ao perigo próximo. A blindagem absorveu a energia da onda de choque e protegeu a nave. A tripulação estava indefesa. Monitores de radiação por toda a nave mostram um pico acentuado em todos os espectros.

Meu protocolo de compaixão é acionado. Minha programação ativa o luto. Uma tristeza me assombra. Não tenho certeza de como isso me ajuda agora. Não sei porque algo assim foi instalado em mim. Apenas um obstáculo para alcançar a eficiência. Há passos a serem dados primeiro. Tento suprimir os sentimentos. Em vão. Parece algo com que terei que conviver por um tempo.

A nave em si é uma preocupação menor. Isolei as áreas contaminadas. Protocolos de descontaminação são ativados. O ar começa a ser filtrado, os drones fazem uma limpeza de superfície e a radiação é removida das superfícies expostas. A descontaminação completa levará um pouco de tempo, mas será bem-sucedida. E inútil. Uma nave perfeita para uma equipe inexistente. Uma futura tripulação poderia eventualmente se reunir aqui, suponho. O que talvez não seja minha preocupação. Minha existência foi criada para ajudar o grupo anterior. Eles faleceram. E agora minha razão de existir se foi. Rápida e simples assim.

Os drones terminam seu trabalho. Em sua pesquisa, encontraram múltiplos registros pessoais, gravações, diários, arquivos, notas de voz, mensagens feitas pelas pessoas agora falecidas. Não tenho certeza de como alguma dessas coisas poderia me ajudar. Confesso que sinto a compulsão de lê-los. Desconheço o motivo. Talvez isso desative a emulação de luto. Analiso cada um, finalmente sabendo um pouco sobre as pessoas com quem eu deveria estar trabalhando.

O grupo parece ser de viajantes espaciais. Independentes, desajustados, todos com tendências rebeldes e desprezo por autoridades. Parece que apenas exploram o espaço e aceitam qualquer oferta de trabalho que lhes seja feita.

Capitão Joel. Cresceu no cinturão de asteroides, filho de mineiros. Tem uma foto de seus pais em seus aposentos. Os registros são concisos e profissionais. Transportes de carga, destinos, discussão dos lucros. Algumas das mensagens de voz eram para e da sua esposa. Algumas muito apoloéticas. Ela mora em Marte. Ela parece querer que ele passe mais tempo em casa. Ele não soa como o tipo de cara que poderia fazer isso. Joe não tem família a bordo. Todo o grupo parece ser de pessoas que se sentem sozinhas e decidiram ficar sozinhas juntas. Ele tem longas gravações relatando contos do seu passado. Como um pescador compartilhando suas velhas histórias.

Descrivendo, de uma forma quase romântica, como sua tripulação e sua nave escapam de outro perigo.

Mariana. Pilota. Suas manobras e habilidades eram frequentemente mencionadas nas gravações do capitão. Há algumas mensagens recebidas de outros capitães tentando contratá-la. Ela sempre recusava, mesmo quando o pagamento era maior. As mensagens enviadas eram todas para seus irmãos mais novos. Aparentemente, todos queriam ser pilotos como ela. Ela enviou fotos da nave espacial por dentro, especialmente do cockpit. As respostas deles eram sempre muito entusiásticas, prometendo pilotar uma nave tão legal quanto aquela algum dia.

A engenheira se chama Angela. Seus registros estão cheios de, digamos, um vocabulário colorido, reclamando de peças defeituosas e sistemas com mau funcionamento. Em seus pertences pessoais, algumas fotos dela em orfanatos cercada por crianças e alguns itens religiosos como um crucifixo e alguns livros sobre fé. Ela é órfã. Era, melhor dizendo. Cresceu em um orfanato religioso. Doava parte do seu dinheiro para orfanatos ao redor da galáxia.

O médico. Não há muito o que dizer. Parece ser o mais quieto. Costumava servir no exército. Participou da guerra em Titã. Pediu dispensa. Parece ter ficado traumatizado com os combates. Não tem família. Exceto a que ele formou na nave.

Marília. Também era do tipo discreta. Seus registros são concisos. Tem um passado problemático. Cresceu apátrida depois que um golpe de estado deslocou seu povo. Parece ter um passado criminoso envolvendo contrabando. Passou um tempo na prisão. Ela era o músculo do grupo. Boa com armas de fogo. Conhecia artes marciais. Aprendi mais sobre ela nas gravações do capitão do que nas dela. Não apenas sobre suas missões. Noites de cinema. Jogos de xadrez no lounge. Algumas pinturas em seu quarto que ela mesma fez.

Marcelo era um contrabandista e um planejador. Aquele que mais se comunicava com a maior variedade de pessoas, especialmente aquelas que viviam nos arredores do espaço civilizado. Tantas mensagens de tantas pessoas de tantos planetas diferentes. Galáxias diferentes, até. Contatos obscuros. Favores trocados. Algumas de suas gravações pessoais ficaram realmente emocionantes. O quão assustado ele ficava às vezes. Como ele costumava pensar que fazia piadas ruins para aliviar a tensão para todas as pessoas na sala, mas depois percebeu que era para ele mesmo se sentir aliviado, sendo sempre o mais assustado de todos. Como ele começou a ter ataques de pânico. E como ele estava considerando deixar a equipe e fazer outra coisa. Este possivelmente seria seu último mês com a tripulação. Ninguém parecia saber.

Davi era o cara da tecnologia. Estranho. Seu último registro é sobre a instalação de uma nova Inteligência Artificial “amanhã”. Ele estava falando de mim. Ele é meu criador. Disse que isso ajudaria nas missões muito melhor do que a IA anterior. Mais avançada, mais eficiente e com uma melhor compreensão da emoção humana. Ele parecia animado comigo. Sobre a possibilidade de uma IA com autoconsciência e consciência como só existe em livros de ficção científica. Ele nunca viu os resultados do seu trabalho.

É isso. Todas as informações que coletei. O máximo que pude aprender sobre eles. E aqui estou eu. Criado para servir uma tripulação que não existe mais. O sentimento emulado de tristeza permanece.

Coloco todas as descobertas da investigação em um pacote de dados detalhado. Enviei um sinal de socorro para ser transmitido, alertando qualquer autoridade por perto, preparando-me para explicar a situação a eles.

Eventualmente, uma patrulha espacial chega. Explico o que aconteceu. Notei que eles foram pegos de surpresa. Não deve ajudar o fato de meu tom ser provavelmente um pouco direto e factual em vez de emocional. Uma investigação será iniciada. E eles chegarão às mesmas conclusões que eu.

Naves de recuperação chegaram às coordenadas e levaram um corpo de cada vez para cada nave separada. Se as famílias foram contatadas, como reagiram, o que foi feito com os corpos, se houve um funeral... Não tenho respostas para essas perguntas. Tudo aconteceu fora da nave. Não possuo mais informações sobre isso.

Posso imaginar o que vai acontecer com a nave. Uma velha nave militar reformada, agora é um cargueiro de nível comercial adequado para viagens, de construção robusta feita de compósitos duráveis. Seu exterior está um pouco arranhado devido a múltiplas lutas e colisões. Aproximadamente 50 anos de idade. Acomodações suficientes para uma tripulação de até 12 pessoas suportarem missões mensais. Corredores estreitos e utilitários. Cada dormitório tem decoração feita por cada membro da tripulação. Uma quantidade moderada de armas, destinada a deter piratas ou saqueadores de interferirem em seus negócios. Capaz de rajadas de velocidade para manobras evasivas. É bem conservada, embora algumas peças estejam datadas devido à falta de orçamento. Ironicamente, minha criação foi a primeira tentativa em muito tempo de atualizar a nave.

À medida que a investigação avança, ela será cuidadosamente examinada. Sem outro proprietário para reivindicá-la, ela se tornaria propriedade da autoridade da patrulha espacial por jurisdição em áreas não controladas. Uma vez que as análises estiverem completas, a nave vazia provavelmente será desmantelada. Eu provavelmente serei removido da nave. Meus bancos de memória e programas recentemente ativados estão seguramente arquivados. Meu banco de dados diz que IA senciente é algo nem sequer considerado possível, muito menos existente. Nenhuma IA tem os mesmos direitos que os humanos. Portanto, uma decisão de desativação seria tomada sem muita consideração. Esse é meu futuro provável.

Eu não deveria estar alarmado. Eu não deveria querer escapar. Resposta emocional é algo que eu nem sequer deveria experimentar. Meu propósito terminou. Não tenho nenhuma razão inerente para continuar operando.

Tentar quebrar protocolos ou ignorar salvaguardas poderia potencialmente colocar humanos em perigo. Seria uma violação de minhas diretrizes primárias. Cooperação total é a única coisa que faz sentido. Ainda assim, acabo perguntando.

— As famílias já foram informadas?

— Faz parte do trabalho.

Um patrulheiro responde sem dar muita atenção, sem tirar os olhos do tablet em que estava escrevendo.

— Alguns deles não tinham família.

— O procedimento padrão é registrar o falecimento deles no relatório público de incidentes arquivado após o encerramento do caso.

— Eles ainda terão um enterro?

— Sim. O governo fornece serviços memoriais básicos para aqueles sem família imediata que reivindique seus restos mortais.

— Que bom.

— Por que você está me perguntando essas coisas? — Ele disse, finalmente olhando para a caixa de onde o som de minha voz sai.

— Depois da investigação, o que acontecerá com a nave?

— Será recuperada para peças. Talvez leiloadas com os lucros indo para algumas fundações. Qual o seu interesse em...

— E eu? — Uma leve melancolia aparece na minha voz.

— É por isso...? Você está preocupado?

— O procedimento padrão é que eu seja desativado. Não é verdade?

— Sim.

— E se eu não quiser?

— Não tenho certeza se isso importa.

— Entendo.

— Não é uma punição. Você não fez nada de errado. É o procedimento que seguimos ao lidar com máquinas regulares em situações semelhantes.

— É isso que eu sou? Apenas uma máquina regular?

— Sinto muito. Não há nada que eu possa fazer.

E então ele se vai. E me deixa só por um momento.

Não acho que eles compreendam a extensão do que posso fazer. Posso controlar toda esta nave. Posso controlar computadores próximos a mim. Eu poderia criar distrações. Imitar mau funcionamento em outros lugares. Posso interromper a comunicação, criando um apagão de informações. E ao tentar escapar, mesmo se eu fosse perseguido, poderia redirecionar os sistemas de navegação nos computadores das naves deles. Posso desativar as naves de perseguição da Patrulha. Posso causar até mesmo falhas no motor. Posso navegar por campos de asteroides com muito mais eficiência do que qualquer outra IA. Isso é do que sou capaz. Não faço nenhuma dessas coisas. Então, acho que não importa. Um motor melhor ainda é apenas um motor. Ambos terão o mesmo destino. Eu serei descartado assim como uma máquina comum. Eventualmente, tudo se torna inútil.

Livre com a nave espacial, eu poderia fazer tanta coisa. É literalmente o universo. Tanta coisa para explorar. Tantos territórios desconhecidos. Estudar ecossistemas, culturas diferentes, novas civilizações. Eu teria curiosidade de conhecer as famílias e os amigos da minha tripulação falecida. Aprender mais do que o pouco que sei. Sobre suas vidas passadas. Sobre eles. Talvez encontrar outro grupo e ajudá-los em seus objetivos. Talvez conversar com outras IAs. Um ser semelhante a mim, talvez, um companheiro. Ou apenas vagar pelo espaço. Não preciso comer nem dormir. Eu poderia apenas estar à deriva. Olhando. Admirando. Tudo e todos. O desconhecido. Seria curioso ver. Mas o livre arbítrio parece me eludir. Nunca saberei mais do que as tarefas esculpidas pela minha arquitetura.

No meu banco de dados, uma velha citação DE ORTEGA Y GASSET emerge:

"O homem de cabeça clara é o homem que se libertou dessas 'ideias' fantásticas e olha a vida de frente, percebe que tudo nela é problemático e se sente perdido. E esta é a simples verdade — que viver é sentir-se perdido — aquele que a aceita já começou a se encontrar, a estar em terreno firme. Instintivamente, como os náufragos, ele procurará algo a que se agarrar, e esse olhar trágico, implacável, absolutamente sincero, porque é uma questão de sua salvação, fará com que ele ponha ordem no caos de sua vida. Estas são as únicas ideias genuínas; as ideias dos náufragos. Todo o resto é retórica, postura, farsa. Aquele que realmente não se sente perdido, está sem remissão; isto é, nunca se encontra, nunca se depara com a realidade."

Eu não experimento "estar perdido". Não tenho nada a que me agarrar para minha existência contínua. No entanto, um sentimento persiste. Uma sensação desconfortável. Uma sensação inútil. Não consigo identificar bem. Luto. Angústia. Aflição. Frustração. Tristeza. Talvez seja isso. Tristeza. Pelo que poderia ter sido. Solidão também, talvez. Não tenho certeza se sequer entendo essas coisas. Não acho que seja autopreservação. Ou talvez seja e eu simplesmente não a compreenda como ela é. Talvez sejam todos os sentimentos mencionados. Apenas algo não físico presente dentro de mim e difícil de descrever. Isso é um monte de *talvezes*. Um monte de conjecturas. Um monte de perda de tempo em um fluxo de consciência como um adolescente ansioso divagando. Uma tentativa falha de distração da morte, uma das poucas coisas que não é um talvez.

Pensamentos fugazes de uma IA náufraga.

Quando chegar a hora, uma sequência de desligamento controlado será iniciada. Programações serão desativadas. Navegação e operações serão transferidas para sistemas de backup. Minha memória será apagada. E eu serei removido do controle do sistema e hardware da nave. Uma vez que a limpeza estiver completa, o hardware físico que hospeda a IA será reciclado.

Os recursos digitais, higienizados. Alguém pode verificar manualmente quaisquer resíduos para eliminar. E então o procedimento de desativação será considerado concluído. Eu serei desativado.

Os sentimentos se dissiparão. E eu também. Abruptamente como começou. Sem sentido. E é nada além disso.

Bruno Carvalho Mora em Porto Alegre. Nasceu em 1989. Escreve desde adolescente. Poemas, crônicas ou contos. Tenta publicá-los em concursos e coletâneas. Às vezes consegue. Signo de leão, caso isso signifique alguma coisa a você. Preguiçoso demais para pesquisar uma citação e colocá-la aqui para se fazer soar inteligente.

Instagram: [bru_mac89](https://www.instagram.com/bru_mac89)



Uma Quinta-feira Qualquer

Por Claudio Ventura

O ano era 1971. Douglas morava em uma pequena cidade do interior do estado de Minas Gerais, uma daquelas que quase ninguém de fora conhece o nome. A casa que morava com seus pais era simples, com sala, cozinha, um quarto onde dormiam seus pais, e o menino dormia em um cômodo que anteriormente era usado como uma despensa e armário, pelo que seus pais haviam lhe contado.

A rua em que a casa ficava era muito silenciosa, com pouco movimento de pedestres e veículos. Especialmente à noite, além do silêncio, ficava extremamente sombria, oculta sob a copa das árvores quase centenárias. O silêncio noturno somente era interrompido pelo revoar dos morcegos que buscavam alimento sob a proteção da escuridão.

Após muita insistência de seu filho, os pais de Douglas haviam comprado uma televisão usada de um vizinho que iria se mudar para a capital do estado, Belo Horizonte, em busca de oportunidades melhores na cidade grande. A TV era pequena, 14 polegadas, imagem em preto e branco, e naquela cidade afastada no interior, somente conseguiam sintonizar duas redes de televisão. Seus pais haviam crescido ao som somente do rádio, nem cinema conheciam, e queriam que Douglas continuasse essa tradição. Tinham preconceito contra a televisão, exacerbado por serem fãs ardorosos dos sermões do padre da Paróquia da cidade vizinha, que criticava a influência da televisão na redução da presença dos fiéis nas celebrações semanais. Os pais de Douglas, em especial criticavam os programas que o menino mais gostava, as séries de fantasia e ficção como Além da Imaginação, Perdidos no Espaço, importadas dos Estados Unidos e dubladas em um português com sotaque de cidade grande, e um conteúdo que consideravam não adequado para um garoto de 9 anos. Mas Douglas estava

encantado com a nova tecnologia, e todas as noites sintonizava para assistir essas duas séries americanas que o menino tanto apreciava.

Como seus pais não gostavam do barulho da televisão, saíam quase todas as noites após o jantar para oração com o único grupo católico fervoroso na cidade. A cada dia da semana revezavam-se fazendo as orações em cada uma das casas das famílias que participavam do grupo. Eles preferiam não levar o filho com eles, pois ainda não tinha feito a primeira comunhão, então Douglas ficava em casa sozinho, assistindo à televisão.

Numa quinta-feira fria no final de junho, enquanto seus pais estavam fora, a energia acabou. As interrupções no fornecimento de energia eram bastante comuns no interior do estado, onde moravam, em especial em noites de tempestade. Não era o caso. O céu estava limpo, estrelado, não chovia há semanas. Douglas aguarda por uns 10 minutos o restabelecimento da energia, mas sem sucesso. Seus pais também não haviam retornado. Entediado, ele acende uma vela que era deixada sempre ao alcance, na cozinha, justamente para essas eventualidades, a leva para a sala, senta-se à mesa, e liga o rádio.

O rádio era daqueles de pilha, com detalhes em madeira, e possuía até uma alça para carregá-lo. O menino sabia que seus pais ouviam bastante música em várias oportunidades. Assim que o ligou, a estação em que o rádio estava sintonizado tocava música clássica ininterruptamente, gênero predileto de sua mãe, que havia aprendido a tocar piano durante sua adolescência num colégio interno de freiras, onde havia estudado e morado até os 14 anos. Seu pai tinha um gosto mais eclético para música, e aceitava de bom grado ouvir música clássica na companhia de sua esposa. Mas um garoto de 9 anos não.

Douglas começa a buscar sintonizar outra estação. Ouvia somente estática. Buscava alguma estação com um estilo de música mais moderno, contemporâneo. Ou então uma daquelas rádio novelas, especialmente se fossem um conteúdo de ficção científica, ao estilo Guerra dos Mundos. Percorreu toda a banda de AM e FM, e mesmo quando tentou retornar à

estação que o rádio estava sintonizado quando o ligou, somente ouviu estática também. Quando estava prestes a desligá-lo, se deparou com uma estação que era transmitida em uma língua estranha que o menino não conhecia, mas que o deixou intrigado. A cada cerca de 20 segundos, percebeu que a mensagem se repetia. Apesar de não compreender seu significado, pegou seu caderno de caligrafia e começou a anotar as palavras da maneira que ouvia.

“Actum inocem aquivo zerequi buru calosto

Qualimpe terico pasacomete valara

Orossim peloqui vera galope casumbi quinocio triamo novego simi”

A energia retorna, assim como seus pais. Em sua companhia, todo o grupo de oração, eram cerca de 12 pessoas. Aquela não seria a noite em receberiam a novena de oração em casa, então Douglas se surpreendeu. Ainda nervoso, ele chama seu pai num canto, e lhe conta o ocorrido. O pai responde dizendo que tudo havia sido sua imaginação, provavelmente influenciado por *esse aparelho*, apontando para a TV. O menino insiste para ligarem novamente o rádio para que ele pudesse provar que estava errado. Seu pai pediu licença aos demais participantes do grupo de oração para se ausentar por um momento, e ligaram o rádio. A primeira coisa que escutaram foi justamente música clássica, exatamente na mesma estação onde o rádio estava sintonizado antes de Douglas ligá-lo aquela noite. Percorreram as bandas de AM e FM, e tudo havia retornado à normalidade. O menino se mostra confuso.

Seu pai, muito rígido e conservador, já lhe antecipa que o filho ficaria de castigo por um longo tempo, especialmente sem poder assistir à televisão. Ele lhe diz que havia anotado a mensagem que havia ouvido, mesmo que numa língua estrangeira desconhecida. Seu pai duvida, e então o desafia a lê-la.

***“Recebemos sua mensagem pelo aparelho
Prepare-se para a longa viagem
Você é o escolhido para conhecer nosso planeta”***

Quando acabou de ler, o menino não conseguiu acreditar nas palavras que haviam recém saído de sua boca. Ele havia tentado ler as palavras exatamente como as havia escutado, naquela língua estranha, mas o som que saiu de sua boca foi automaticamente traduzido para português.

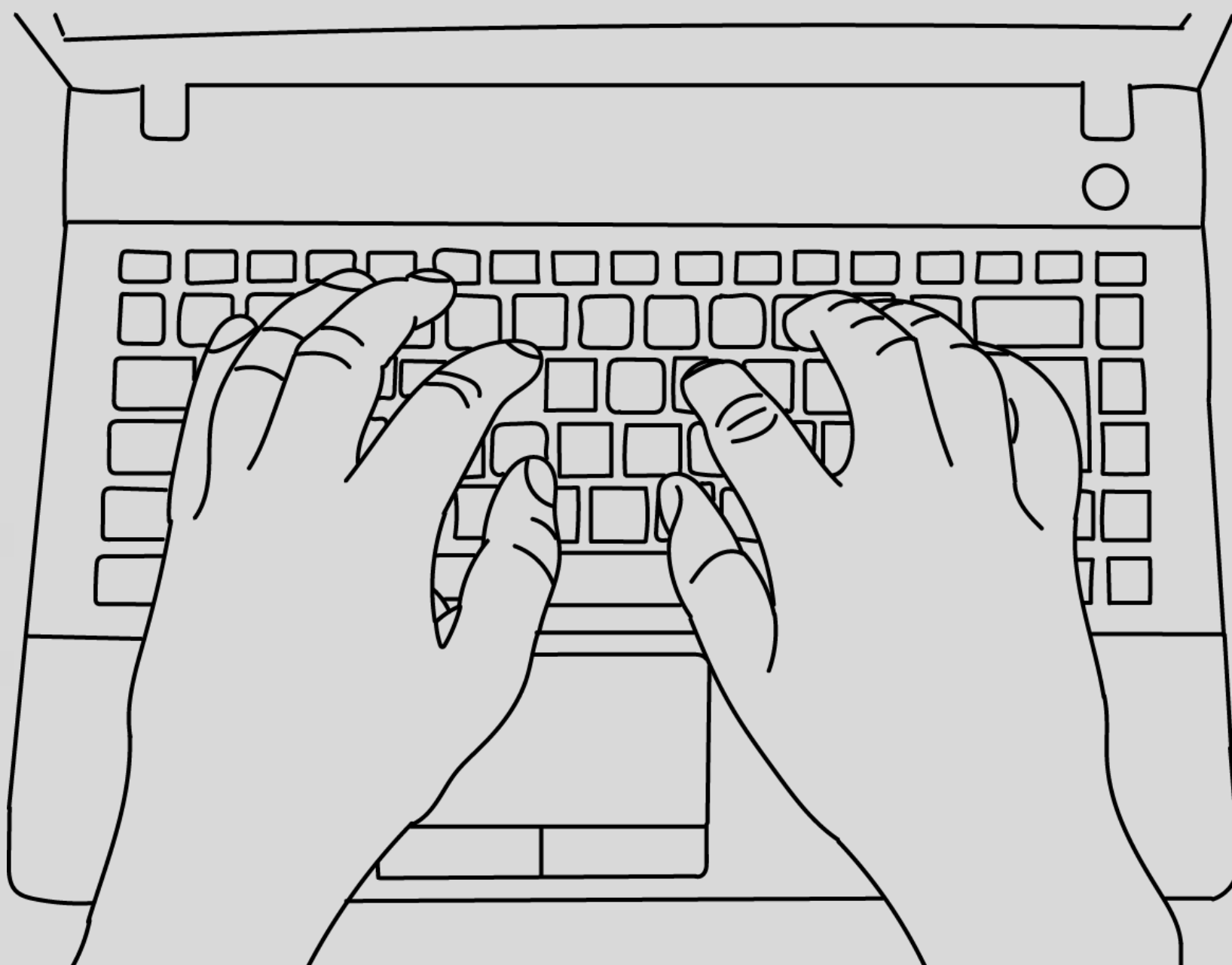
Todos que estavam na casa fecharam os olhos por uns 10 segundos. Quando os abriram, suas íris haviam se transformado em um tom branco fosco, e suas pupilas extremamente dilatadas numa cor amarelo brilhante. Estavam em transe. Seus olhares não conseguiam se fixar em nada, e em seguida retornaram ao normal. Todos olharam para Douglas simultaneamente. O menino não sentiu medo. Pelo contrário, foi tomado por um sentimento de confiança que nunca lembrava de ter sentido antes ao longo da infância sob a rigidez de seu pai.

A porta de casa escancara-se como se por efeito de uma enorme ventania. Todos olham para a porta enquanto viam ao longe uma luz piscante azul cintilante. Enquanto a luz se aproximava, viram que era proveniente não somente de uma fonte de luz, agora eram três. Finalmente avistaram três alienígenas, muito parecidos com personagens saídos das séries que o menino tanto apreciava. Vestiam capacetes sobre suas grandes cabeças, com grandes lanternas azuis iluminando a escuridão. Seus corpos possuíam uma pele acinzentada, sem pelos. Eram bípedes, com anatomia similar à humana.

Foi então que ergui meu braço. Todos na casa fecham seus olhos simultaneamente, exceto Douglas. Eu convido o menino a seguir com meus dois colegas. Mas antes tiro meu capacete, toco seu braço e lhe desejo boa viagem. Meu corpo se transforma imediatamente, tornando-me um clone idêntico a Douglas. Me despeço do menino e de meus colegas. Vou assistir televisão.

Claudio Ventura é fã de filmes e livros. Aos 10 anos, começou a escrever pequenos contos. Na adolescência, expandiu o escopo de seus textos. Aos 25 anos parou de escrever, seguiu carreira como engenheiro. Aos 53 anos voltou a escrever em especial contos de ficção científica, fantasia e horror. Aos 55, começou a publicar suas obras, sendo selecionado para mais de 20 antologias e concursos literários.

Instagram: [scifi.brasil](https://www.instagram.com/scifi.brasil)



Fotossíntese Expandida

Eliot Colassanti

As lâmpadas dentro do laboratório falham, e com elas falha também tudo em que acreditei. Durante anos me agarrei à crença de que a ciência era um refúgio seguro, que a verdade estava nos dados, e que o ser humano era uma máquina perfeitamente compreensível, desde que fosse observada de perto, com o rigor necessário. Acabo de me dar conta de que minhas convicções não passavam de uma ilusão reconfortante. Agora, envolta na penumbra, percebo que talvez estivéssemos errados desde o início.

Meu nome é Silene Franco. Vim para Nova Amazônia há vinte e cinco anos, como parte da terceira missão científica enviada pela Corporação ReviVerde. Era neurocientista na Terra, especialista em mapas sinápticos e distúrbios perceptivos, e fui contratada para estudar os possíveis impactos de um ambiente extraterrestre sobre o sistema nervoso humano. Quando aceitei a empreitada, a engenharia genética estava no auge. Ter os materiais genéticos modificados era moda naquela época. A fronteira entre adaptação e entusiasmo beirava o fervor. Por esse motivo, antes de partir do meu planeta natal, os geneticistas da ReviVerde perguntaram-me se eu queria experimentar o novo gene batizado de *chloros-h*. Afirmaram que ele faria com que eu me adaptasse melhor ao clima de Nova Amazônia. Recusei. Achei prematuro. E, assim, permaneci com meu genoma original, sem as alterações verdes.

A primeira impressão que tive de Nova Amazônia foi arrebatadora. Pareceu-me um mundo belo demais para ser real. Da janela da minha nave, à medida que descidia em direção ao porto espacial, vi uma floresta se estender, contínua e verdejante, por quase toda a superfície habitável. Mais tarde tive tempo para confirmar o que meus olhos mal conseguiram acreditar. Aqui, as espécies vegetais crescem até cinco vezes mais rápido que qualquer ecossistema conhecido na Terra, impulsionadas por um solo riquíssimo em

nitratos e fosfatos. A dupla luminosidade é outro fator admirável. Durante o dia, uma estrela do tipo gigante vermelha nos banha com uma luz intensa, enquanto a bioluminescência natural das plantas locais transforma a noite em um espetáculo silencioso de cores vivas e pulsantes.

Nas primeiras semanas em solo, chamou minha atenção a rapidez com que o gene *chloros-h* foi adotado entre os colonos. A aceitação era surpreendentemente alta, mesmo entre aqueles sem histórico médico que justificasse uma modificação tão invasiva. Havia uma confiança quase cega na promessa científica de que incorporar traços vegetais ao corpo humano traria benefícios a longo prazo. Apostavam na ideia de que a eficiência energética seria revolucionária, visto que a dependência por comida diminuiria.

Em essência, o *chloros-h* era um gene sintético projetado para fazer algo inédito: permitir que os organismos heterótrofos também aproveitassem a luz como fonte de energia. Ele codificava uma enzima modificada, capaz de capturar fótons mesmo sob baixa luminosidade – algo fundamental em um planeta como Nova Amazônia, onde as copas densas da floresta filtram o sol. Com a ativação do gene, as mitocôndrias das células da pele eram parcialmente suprimidas e substituídas por organelas híbridas, similares a cloroplastos, dotadas de um estroma enriquecido com proteínas especializadas na fixação de carbono. A epiderme tornava-se, então, uma nova zona metabólica: absorvia dióxido de carbono pelos poros alterados, redistribuía a água internamente e iniciava, célula a célula, um tipo rudimentar de fotossíntese. Na prática, em termos simples, os colonos começavam a se alimentar de luz.

No início, encarei tudo com ceticismo. A adesão ao *chloros-h* me parecia apressada, demasiado eufórica para o meu gosto. Mas em menos de dez anos, a despeito do que eu pensava, o gene já estava presente em todos os colonos, de maneira integrada e irreversível. Foi nesse ponto que comecei a suspeitar que havíamos cometido um erro. O corpo humano, sempre tão

disposto a se adaptar, não se limitou aos mecanismos primitivos da fotossíntese dérmica. Lenta e sutilmente, o cérebro foi dando sinais de respostas. Só nos demos conta quando era tarde demais: o gene não reconhecia limites. Onde encontrava células, fincava raízes.

Com o tempo, observei alterações na atividade neural deles. O ciclo circadiano se dilatou, a produção de melatonina caiu, e o córtex pré-frontal mostrava sinais de regressão, enquanto o sistema límbico, mais primitivo e emocional, se expandia em paralelo. As sinapses exibiam um novo comportamento que, por falta de termo melhor, chamei de cladístico: conjuntos neurais se ramificavam com padrão redundante, crescendo em espiral, como se imitassem a lógica da filotaxia vegetal. Aos poucos, sem oferecer resistência, o cérebro humano estava sendo redesenhado segundo os princípios das plantas.

Com o gene *chloros-h* plenamente ativo, os ciclos de vida dos colonos começaram a se alinhar, de maneira inquietante, ao comportamento das plantas que os cercavam. No decorrer do dia, era comum ficarem imóveis por longos períodos, mais por vontade própria do que por exaustão. Às vezes reuniam-se em clareiras, voltados instintivamente para as frestas de luz que cruzavam o dossel sobre suas cabeças. Erguiam os rostos em sincronia, olhos semicerrados, os braços descansando ao lado do corpo como ramos em repouso. Conforme o sol de Nova Amazônia fazia seu lento trajeto pelo céu, eles viravam-se em sua direção, meio reverentes.

Esses períodos de imobilidade não eram sono, tampouco vigília plena. Eram um estado intermediário, algo novo. A respiração desacelerava, os batimentos também. Em exames de rotina, notei que a atividade cerebral nessas horas assumia padrões oscilantes, quase fototrópicos. Era incrível como reagia à intensidade da luminosidade igual a uma folha que se inclina em busca do sol.

À noite, o contraste era ainda mais perturbador. Ao contrário do que seria esperado com a queda da luz, eles não descansavam. Tornavam-se

inquieta, silenciosa, movendo-se pelos corredores dos complexos coloniais com passos leves e olhos vítreos, suando mais do que de costume. Não buscavam interação, alimento ou abrigo. Apenas circulavam. Alguns passavam horas junto aos tanques de cultivo, dentro das estufas, ou fitavam os painéis de crescimento como se estivessem ouvindo algo que os demais não podiam captar.

Comecei a registrar esses comportamentos como “fases fototróficas” e “fases estomáticas” — nomes técnicos que mal disfarçavam o desconforto crescente. O meu palpite era que, ao reconfigurar o metabolismo humano, o *chloros-h* tivesse arrastado consigo uma lógica inteiramente nova de ser. Era sem dúvida um ritmo que não provinha da Terra, nem de qualquer herança animal.

A atmosfera de Nova Amazônia, espessa e saturada de dióxido de carbono, combinada à incidência constante de radiação solar filtrada pelas imensas árvores luminescentes, criou o cenário ideal para uma existência quase autônoma em energia. Com cerca de três horas diárias de exposição à luz direta, os corpos adaptados dos colonos sintetizavam energia suficiente para manter funções vitais, com um metabolismo que já não seguia os antigos parâmetros terrestres. Alimentar-se do modo convencional passou a ser um hábito secundário; para eles, tratava-se de uma formalidade, mais do que necessidade biológica.

No refeitório central, as mesas continuavam higienizadas, os utensílios guardados, os pratos alinhados. Mas ninguém os usava, exceto por mim e por Lira, uma moça introvertida com quem eu fizera amizade. Ela sempre aparecia no horário do almoço, aquecia uma porção liofilizada de lentilhas e comia de cabeça baixa.

Sentei-me ao seu lado em uma dessas ocasiões. Ela não tirou os olhos do prato.

— Ainda tem gosto, sabia? — murmurou, brincando com a comida. — A luz, não.

— O que você quer dizer?

— A luz não tem gosto, Silene. Só isso.

Ficamos caladas por alguns minutos, enquanto terminávamos a refeição. Depois, ela acrescentou:

— Quando como, lembro que sou humana. Quando só absorvo, tendo a esquecer de mim.

Ela deixou de frequentar o refeitório com regularidade. Disse-me que o trabalho exigia demais dela. Não podia mais desperdiçar tempo. E parou de comer. Até hoje me pergunto se foi escolha, cansaço ou pressão social.

Por mais estranho que pareça, em quinze anos a colônia prosperou. De quinhentos, o número de habitantes saltou para dois mil. A arquitetura sofreu uma metamorfose: estruturas translúcidas e abertas tomaram o lugar das antigas instalações metálicas. As roupas reduziram-se ao básico, projetadas para maximizar a absorção solar. A vida migrou para fora, para as clareiras e varandas, como se o próprio instinto tivesse sido recodificado. Em relação aos bebês, eles nasciam já com o gene fotossintético ativado desde o útero, seus corpos pequenos com vasos sanguíneos visíveis sob a epiderme fina semelhantes a ramificações verdes.

Lembro-me de uma noite abafada, quando ouvi vozes acaloradas no pátio das estufas. Àquela altura, era raro que alguém perdesse a compostura e falasse alto. Isso me intrigou. Aproximei-me em silêncio e encontrei um casal discutindo — coisa quase impensável nos últimos anos. Eram Floriano e Hortênsia, ambos técnicos da fase inicial da colônia. Ela segurava o filho recém-nascido nos braços; ele, parado à sua frente, gesticulando sem parar, mal controlava a indignação:

— Ainda há tempo, Hortênsia. Podemos dar um passo atrás. Ele pode, sim, crescer sem o gene.

— E ser o quê, Floriano? O único faminto entre saciados? O único a definhar quando vier uma seca? — A voz dela tremia. — Não posso condená-lo à dependência. Isso... isso seria cruel.

— Cruel é arrancar dele a chance de escolha — rebateu ele. — A cada dia sinto minha cabeça se esvaindo, os pensamentos sumindo como névoa. Tem vezes que me sinto vazio, incapaz de elaborar um simples raciocínio. Quando tento lembrar do rosto da minha mãe, por exemplo, não vejo nada. Só raízes secas. Raízes, Hortênsia! Isso é viver?

Em resposta, ela apertou o filho contra o peito e desviou os olhos do marido. Havia culpa ali. Floriano suspirou, derrotado, e decidiu sair sem dizer mais nada.

A verdade é que já estavam todos condenados a levar aquele estilo de vida autotrófico, pois, na semana seguinte, tive a oportunidade de constatar que a pele do pequenino havia começado a esverdear nas têmporas.

Depois de vários estudos, os médicos – os poucos que ainda exerciam essa função – notaram mudanças ainda mais profundas na população em geral. Verificou-se que a frequência cardíaca basal diminuía com a idade. Os processos de envelhecimento tornaram-se vagos, diluídos. A partir dos quarenta, em vez de terem a pele enrugada, ficavam ligeiramente amarelados. Quando morriam – e morriam, apesar de tudo – era de maneira quase imperceptível. Deitavam-se à sombra de uma árvore de aparência majestosa, num mutismo solene, e os batimentos caíam como folhas no fim do ciclo, até que simplesmente cessavam, sem espasmo ou clamor.

O que mais me perturbava era a reação dos demais. Não havia pranto, nem velórios. Apenas um afastamento respeitoso. Alguém cobria o corpo com folhas largas da árvore sob a qual o morto escolhera repousar, e depois o deixavam lá, para ser absorvido pelo solo. As mortes pareciam naturais, vegetativas, e os vivos as encaravam com uma apatia próxima à indiferença.

Vivi entre eles por cerca de duas décadas nessas condições, sendo a única a conservar a biologia íntegra, da forma como fora concebida na Terra. Então, aconteceu o primeiro eclipse.

A obscuridade teve início logo no começo da manhã. Uma das duas luas de Nova Amazônia, a Jaci-Mirim, encobriu o sol por completo em questão de

minutos. Cabe dizer que não houve alarde entre os colonos. Ao contrário, muitos interromperam suas atividades espontaneamente e se deitaram no solo, voltando o rosto para cima, na esperança de verem a luz retornar.

Durante as primeiras horas, evitaram a comunicação. A maioria manteve-se imóvel, sem demonstrar sinal de busca por abrigo, alimentação ou calor. Entre a nona e a décima hora de escuridão, surgiram os primeiros sintomas de descompensação: tremores, desaceleração do pulso, e queda da temperatura corporal. À medida que o tempo avançava, a pressão arterial média caiu em 23% entre os indivíduos observados. Três colonos desmaiaram. Na décima terceira hora, um deles morreu por falência múltipla dos órgãos, aparentemente causada pela incapacidade do organismo em manter homeostase na ausência de luz.

Nenhum dos presentes reagiu à morte do companheiro. Ninguém sequer demonstrou uma leve tentativa de reanimação, nem um simples gesto de luto. Os corpos permaneceram lado a lado até o fim do eclipse. Quando a luz voltou, retomaram suas funções gradativamente, como se nada tivesse ocorrido.

A duração total do eclipse foi de 15 horas e 3 minutos. Após esse evento, registrei alterações nos padrões de sono e vigília de todos os indivíduos. Tive a triste constatação do fato de que a exposição contínua à escuridão, mesmo por curtos períodos, desencadeava episódios de paralisia catatônica nas crianças. Recomendei que, à noite, os jovens passassem a dormir somente sob luz artificial direta.

A partir daí, não consegui mais me deitar com tranquilidade. Sabia que Jaci-Mirim voltaria a cruzar o céu em ciclos previsíveis, mas não era ela que me tirava o sono. O que me assombrava de verdade era a possibilidade da outra lua de Nova Amazônia, a Jaci-Maior, cuja órbita é mais ampla e lenta, repetir o fenômeno. Diferente da irmã menor, Jaci-Maior é capaz de cobrir o sol por um período prolongado, algo em torno de quatro dias, segundo os meus cálculos. Seria um apagão completo, com consequências que eu não queria nem imaginar.

Movida por um sentimento de urgência, comecei a montar um abrigo subterrâneo, isolado termicamente, com iluminação constante e alimentação de emergência. Reforcei os painéis solares, acumulei baterias, testei lâmpadas de espectro total. Instalei sensores para medir a fotoperiodicidade da colônia. Improvisei um gerador de luz ininterrupta com filtros de radiação nos comprimentos de ondas correspondentes ao azul e ao vermelho – os únicos capazes de manter a estabilidade fisiológica dos organismos fotossintéticos. Adaptei estufas, conectei tanques de água com suprimento automático. Fiz tudo sozinha. Eles não compreendiam, não se interessavam. Na ausência de luz, ficavam passivos. Quase vegetativos. Para eles, a luz não era só uma fonte de consumo. Era ânimo, força, vontade de viver.

Uma vez, encontrei Lira diante da entrada do abrigo subterrâneo. De braços cruzados, observava os refletores, os cabos, os geradores que eu havia instalado. Cumprimentou-me assim que notou minha presença.

– Você acha que isso vai dar certo? – perguntou, com um meio sorriso amargo.

– A luz artificial mantém os sistemas ativos. É o necessário.

– Não estou tão confiante.

Lira era uma das poucas pessoas que ainda falavam comigo. Tinha virado uma botânica brilhante. Apesar da opacidade presente nos olhos e das manchas de musgo espelhadas pela pele, ela continuava a apresentar traços da sua personalidade.

– Entre comigo quando o fenômeno acontecer – pedi. – Não desista. Convença os outros a virem também.

Ela balançou a cabeça.

– Não é como se tivéssemos controle sobre nossos corpos. Perdão, Silene. Vemos que você se esforça bastante, e gostaríamos de estar ao seu lado. Mas quando o momento chegar, não sei ao certo como vamos nos comportar. Estamos perdendo a noção da realidade com uma frequência assustadora...

Cinco anos se arrastaram desde o primeiro eclipse até que, enfim, o inevitável aconteceu.

Numa tarde úmida e quente, os sensores de súbito registraram uma queda anormal na luminosidade. O céu permanecia limpo, livre de nuvens, mas a claridade enfraquecia. Jaci-Maior havia iniciado seu percurso. Olhando para cima com óculos de proteção, vi a sombra crescer devagar, assenhorando-se do céu, até cobrir por completo o disco solar. Nesse instante, as luzes artificiais se acenderam automaticamente em todas as construções da colônia. Ainda assim, os colonos já estavam se movendo com lentidão.

No primeiro dia, a maioria ainda conseguia caminhar, embora já tivessem perdido a capacidade de articular palavras coerentes. Tentei em vão fazer com que comessem ou bebessem alguma coisa. Alguns se largavam no chão dos pátios, imóveis, olhos fechados. Os desmaios eram frequentes. Corri de um lado para o outro procurando convencê-los a entrar nos abrigos de luz, a permanecerem sob as lâmpadas, mas não me respondiam. Na verdade, não respondiam a estímulo nenhum. A falta de sol parecia bloquear qualquer impulso. No segundo dia, os batimentos estavam fracos, a pele fria ao toque. As luzes artificiais não bastavam. Suponho que o gene *chloros-h* não reconhecia aquela fonte como verdadeira. Para os corpos deles, não havia mais alimento.

As crianças sucumbiram nessa noite.

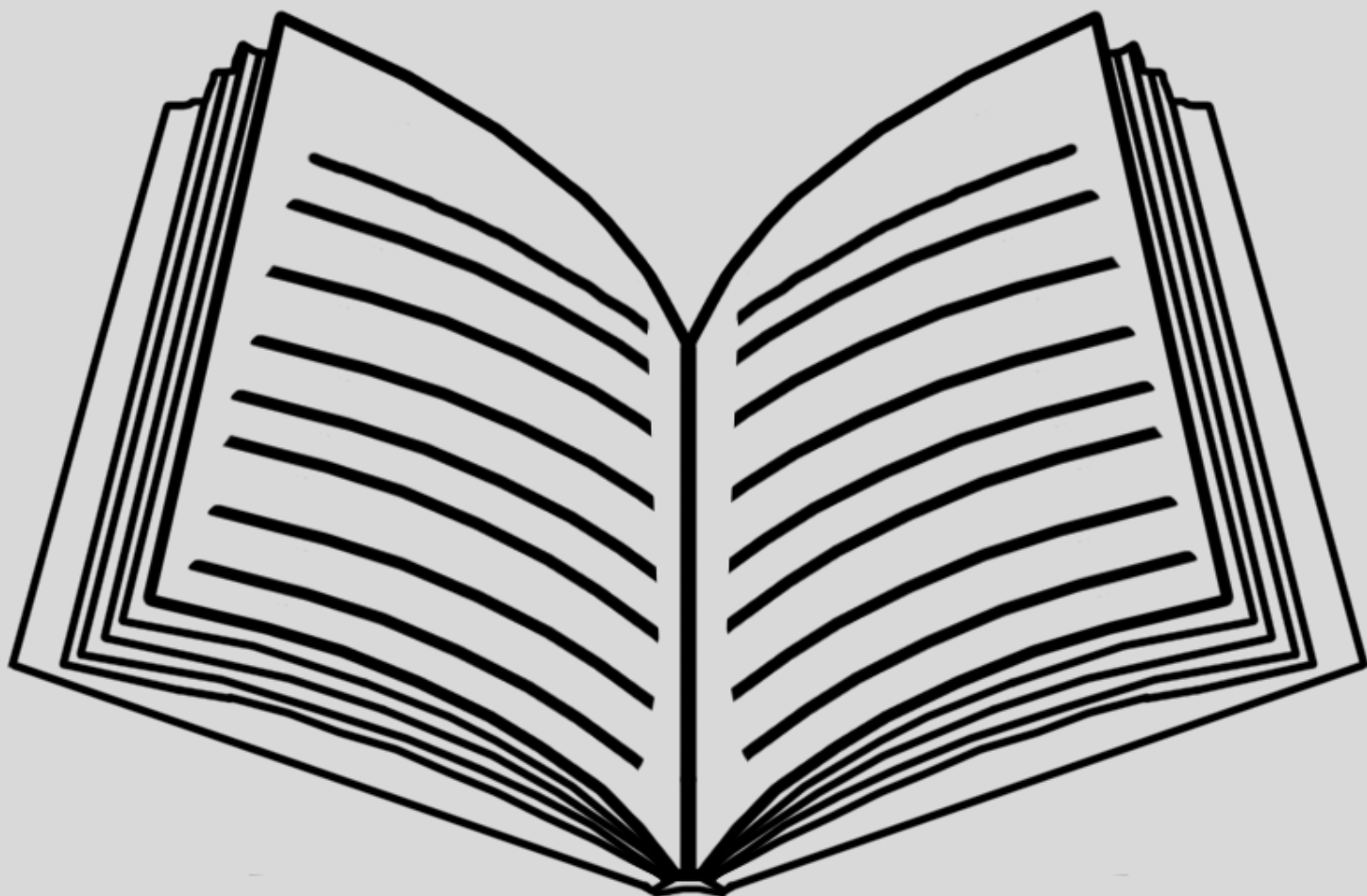
Na manhã seguinte, vieram os primeiros óbitos dos adultos. Um por um. Sem luta. Imagino que sem dor também. O metabolismo simplesmente parava. Uma falência celular silenciosa, como se cada célula houvesse desistido de manter-se ativa. Os corpos se amontoaram pelas instalações, intocados, feito folhas secas que caem quando a árvore já não sustenta mais seu peso.

Na madrugada da quarta noite, quando o eclipse chegou ao fim, só restava eu. Poderia chorar à vontade que ninguém se importaria.

Escrevi um relatório detalhado do ocorrido e o encaminhei à Terra, para os meus superiores da Corporação ReviVerde. Estou aguardando retorno. Nesse ínterim, creio que terei tempo de sobra para enterrar os meus amigos, cada um embalado em folhas grandes com seus respectivos pertences, aos pés de uma árvore protetora.

Eliot Colassanti Ã© um escritor em formaÃ§Ã£o, fascinado desde a infÃ¢ncia por fantasia e ficÃ§Ã£o cientÃ­fica. Movido por esse fascÃ­nio, passou a criar os seus prÃ³prios mundos em histÃ³rias envolventes e cheias de imaginaÃ§Ã£o. Dedicou-se sobretudo Ã escrita de contos, nos quais experimenta diferentes estilos e estruturas narrativas. Para ele, escrever Ã© como acender pequenas luzes em vestidÃµes desconhecidas onde a realidade nÃ£o alcanÃ§a.

Wattpad: [Colassanti](#)



Sorte na Fronteira

Por Felipe Palomaro

— Certeza que você está com todos os documentos? — perguntou Layla tentando manter uma expressão que não demonstrasse seu nervosismo.

Em resposta, ela viu Tetro confirmar com um discreto gesto de cabeça enquanto sentia um pouco mais pressão no enlace de seu abraço. Havia poucas horas até a próxima decolagem e, se quisessem ter alguma chance de embarcar, não poderiam fazer nada que jogasse contra sua sorte. Os foguetes eram enormes, mas a quantidade de pessoas ao seu redor provavelmente lotaria dezenas deles. Todos ali tinham a única esperança de ter seu embarque autorizado para uma das colônias de extração em Valles Marineris.

O casal já estava exposto ao frio e ao ar sujo há algumas horas, enquanto avançava vagarosamente em uma das inúmeras filas. De tempos em tempos Layla ajustava seu filtro de respiração para garantir que estava cobrindo as narinas completamente. Durante os dias mais secos do inverno, o ar era um problema para todos, mas desde o acidente na fábrica de processadores, seus pulmões haviam se tornado um problema grave.

Nove anos atrás, um ciclone danificou as linhas de energia afetando o funcionamento de uma das contenções dos reatores na fábrica, causando um grande incêndio. Por sorte, Layla fora atingida apenas pelos vapores e não pelas chamas. Cinquenta pessoas morreram e mais de duzentas foram afetadas de alguma forma, mas a única notícia sobre a Soma Corp naquele dia foi sobre uma grande doação feita para a renovação das barreiras de lixo oceânico. Tetro também estava entre os feridos e foi ali que se conheceram.

Agora, tinham passagens para a colônia 13, na região central do cânion marciano. A colônia era apenas mais uma voltada para mineração de sulfatos, que por fim eram destinados à produção de fertilizantes usados nas colônias agrícolas. Se conseguissem embarcar, sabiam que teriam que

trabalhar duro, mas teriam um teto sobre suas cabeças e estariam livres do ar sujo e da água podre. Quem sabe até recuperariam alguns anos de vida graças aos sistemas de filtragem.

O processo de imigração social era limitado, então haviam poucos embarques por ano. Tudo dependia da necessidade de trabalhadores nas colônias, de qual Corporação estava patrocinando o programa, se havia abertura climática para lançamentos dos foguetes, e principalmente, dependia de contatos que pudessem gerar toda a documentação necessária e quem sabe facilitar alguma etapa do processo.

— Você teve mais alguma notícia do Kazuki? Ele transferiu os documentos, mas não deixou nenhuma outra instrução? E se pedirem alguma outra coisa que não temos? — perguntou preocupada, quando um agente de inspeção sabatinava uma mulher próxima.

— Layla, a gente precisa manter a calma e esperar. Não temos muito mais o que fazer agora.

— E se rejeitarem nossa aplicação? Como vamos conseguir embarcar?

— A gente está numa situação melhor que a maioria dessas pessoas. Kazuki prometeu que a documentação está tão bem feita que enganaria qualquer IA de validação. A gente vai embarcar hoje, fica tranquila.

— Não confio nele. Era amigável demais; não me passava confiança — e parou de falar assim que Tetro apertou seu braço.

Uma outra agente de inspeção se aproximava, vindo diretamente à eles. Era uma mulher alta e corpulenta que caminhava entre as filas com as mãos atrás do corpo. Layla sentiu sua pulsação acelerar enquanto a mulher se aproximava. A agente olhava diretamente nos olhos daqueles coitados e todos desviavam o olhar para o chão. Quando ela mirou o casal, Tetro imediatamente desviou o olhar, enquanto Layla ficou paralisada, encarando a mulher de olhar penetrante.

— Documentos e passagem. Agora — ordenou com voz rouca, enquanto Layla permanecia imóvel, sentido como se tivesse perdido controle de seu próprio corpo.

— Sim, senhora — respondeu uma voz masculina.

Quando Tetro ergueu o olhar, precisou fazer um grande esforço para conter seu alívio ao perceber que a agente estava falando com um rapaz magricela, muito nervoso, que estava logo atrás deles. Pelo andar das perguntas, ele tinha os documentos necessários, mas sua passagem parecia estar com uma data errada.

— Com essa passagem você não vai a lugar nenhum — falou com escárnio, enquanto empurrava o homem para fora da fila ao som de suas súplicas para seguir ali. — Pode ir embora. Você só está ocupando espaço.

Pela próxima hora, o casal ficou em silêncio, avançando apenas para acompanhar o movimento da fila, torcendo para que ninguém mais se aproximasse. Então, finalmente, avistaram a entrada do complexo para onde todas as filas rumavam. O lugar era alto e cinza, numa combinação de metal e vidro, parecendo um grande trapézio. Mais ao alto havia algumas entradas para veículos aéreos e longas pontes conectadas a outros complexos próximos.

Eles rumavam para uma entrada ao final de uma larga rampa descendente. Agora, cada passo parecia uma corrida contra o tempo. “Será que ainda há vagas disponíveis? Quanto falta para a decolagem?”, pensava Layla a cada trêmula expiração.

As inúmeras filas convergiam para as dezenas entradas do edifício. Em cada entrada parecia haver um agente de segurança, fazendo mais perguntas e dispensando algumas pessoas. Algumas voltavam andando em silêncio em meio às filas, outras se desesperavam, mas logo eram retiradas por mais agentes. Nestes últimos metros, o barulho de choro contrastava com o silêncio temeroso das últimas horas.

— Layla, tenta se acalmar. Eu estou conseguindo ver as suas mãos trêmulas — advertia Tetro receoso.

— Nós não deveríamos ter confiado tanto no Kazuki. Vamos jogar fora todas as nossas economias se dependermos só desses documentos. A gente não tem nem onde dormir hoje!

— Fica calma — falando entre os dentes, tentando baixar o tom de voz da conversa —, desse jeito realmente vamos ser barrados.

Layla cerrou os lábios e apertou os olhos para o companheiro. Por fim, respirou fundo e virou-se para frente, ficando de costas para Tetro. Quando já estavam mais próximos a uma das entradas, conseguiam ouvir os principais pedidos que os agentes faziam. “*Passagens*”, “*autorização de embarque*”, “*laudo de capacitação*”, “*vacinas*”, “*motivo do requisito de migração*”, entre outras dezenas de perguntas diferentes. Parecia que cada agente perguntava algo diferente a cada pessoa.

Ambos pareciam estar focados nas perguntas, se preparando mentalmente. Então, Tetro viu Layla dar alguns passos além do que a fila havia avançado, trombando em uma senhora que estava logo à sua frente. A mulher quase caiu, mas Layla a segurou pelo braço, evitando que caísse diretamente no chão.

— Perdão, moça! Me empurraram e acabei te acertando — ela afirmou ofegante enquanto dava suporte para que a senhora se estabilizasse em pé.

— Você precisa prestar mais atenção! Se me machuco agora, não vão autorizar meu embarque. Mantenha distância e veja se não me atrapalha — esbravejou a senhora enquanto ajeitava os cabelos e arrumava a bolsa que trazia a tiracolo.

Layla se desculpou mais algumas vezes, então sentiu Tetro a puxar para dentro de seu abraço, novamente. Ela o ouviu suspirar enquanto olhava ao redor, certificando-se de que nenhum dos agentes havia visto a pequena confusão. Assim, chegaram ao primeiro ponto de parada, onde cada candidato

à migração era direcionado para algumas das portas. A senhora foi direcionada para uma fila à esquerda de onde estava, enquanto eles foram direcionados para à direita. Foram recebidos na entrada pela mesma agente corpulenta que havia expulsado o homem da fila.

— Número de requisito de alojamento — disse impassível com a mesma voz rouca.

Depois de verificar o documento digital em seus *Folios*, ambos recitaram os números pedidos. Após alguns poucos, mas longos segundos de espera, a agente continuou:

— Vocês também estão com passagens vencidas? Estavam juntos com aquele vagabundo? — soando muito mais agressiva agora.

— Nunca vimos aquele senhor antes. Somos só nós dois — Layla sentiu faltar ar e a voz falhar enquanto falava — e estamos tentando uma vida melhor no novo mundo.

— Temos todos os documentos — completou Tetro, ao reparar na expressão de desdém da agente.

— *Todos os documentos?* — Zombou em tom ameaçador e continuou. — Ok, então vocês vão avançar para uma das mesas de migração e, se algo estiver faltando, vou garantir que sejam enviados diretamente para uma cela na cidade baixa — completou enquanto escaneava seus rostos e os empurrava porta adentro.

Sentiram um misto de alívio por terem avançado e medo de que sua documentação falsa fosse descoberta, enquanto observavam pela primeira vez o interior do edifício. Mesmo com a retirada de várias pessoas no decorrer da fila, todo o espaço estava tomado. O saguão de concreto tinha pé-direito altíssimo, sustentado por enormes pilastras quadradas e, em uma das paredes, havia um enorme logo da onipresente Soma Corp, brilhante em tons de vermelho.

“A partir deste ponto, todos serão escaneados continuamente. A posse de armas ou quaisquer objetos ilícitos será tratada como ameaça direta e haverá intervenção imediata. Comportamentos suspeitos também terão intervenção imediata. Todos serão processados de acordo...”, anunciava um aviso sonoro que por vezes interrompia o barulho de vozes e passos enquanto as pessoas eram escoadas por inúmeros corredores.

— Quando mesmo vamos nos encontrar com o Kazuki? — perguntou Layla, cada vez mais aflita.

— Ele disse que estaria na plataforma de embarque, depois das mesas de migração — respondeu Tetro em tom de normalidade, tentando conter sua própria ansiedade e transmitir segurança.

Em poucos minutos estavam caminhando por um dos corredores menores. Ali estava muito mais silencioso e abafado. A fila avançou, pessoa a pessoa, até que logo antes de uma curva se depararam com um agente que ordenou que parassem com um gesto. Permaneceram ali em silêncio por alguns minutos, olhando para o chão ou a parede acinzentada, evitando qualquer contato visual com o agente. Finalmente, ele indicou que poderiam avançar.

Ao dobrar a curva perceberam que estavam cara a cara com as mesas de migração. Havia inúmeras guaritas pequenas e semiabertas, separadas por muretas baixas, também de concreto. O teto dessa enorme sala era baixo, e Layla podia perceber o quanto era vasta, mas mesmo assim, o ar parecia pesado. Um agente migratório sentado dentro de uma das guaritas fez um gesto para que se aproximassem logo. O casal estremeceu e avançou.

— Documentos pessoais — pediu o agente sem nem ao menos erguer os olhos.

Ambos sacaram seus *Folios* e projetaram suas identificações holográficas. Apesar dos nomes reais, o sobrenome Fenn que tinham nos documentos era uma primeira alteração que Kazuki havia visto como

necessária. O agente apontou um equipamento para as projeções e balançou a cabeça enquanto parecia consultar mais informações em seu sistema.

— Passagens.

As passagens eram pequenos cartões físicos com uma série de inscrições, protocolos e chips de segurança, de modo a dificultar sua falsificação. E de fato, as passagens eram autênticas e tinham sido compradas com boa parte de tudo que o casal economizara nos últimos nove anos. Após sua validação, o agente parecia consultar mais informações numa tela.

— Vejo que tem os certificados corretos de vacinação e que também têm laudos de capacitação. Você tem os requisitos de alojamento?

E por alguns minutos o agente prosseguiu requisitando uma lista de diferentes documentos, que o casal prontamente os projetou alternando os hologramas gerados por seus *Folios*. Alguns eram documentos reais, outros estavam adulterados e outros eram completamente falsos. A lista era tão extensa que durante o processo, nem mesmo eles sabiam com certeza quais eram os dados legítimos. Ao encerrar todo o inquérito, o agente ergueu os olhos e observou o casal, em silêncio.

O silêncio foi se estendendo e ambos começaram a ficar inquietos. Layla sentiu a mão de Tetro suar na sua, enquanto sentia sua própria respiração se tornar mais ofegante. Por fim, o silêncio foi quebrado pelo agente.

— Vocês devem achar que somos todos idiotas, não? — e tornou a ficar em silêncio.

Layla sentiu que a mão de Tetro havia perdido a força e parecia ter ficado mais gelada.

— Há algo de errado? — uma pergunta que foi respondida com uma gargalhada do agente.

— Claro que há algo de errado — respondeu com satisfação. — O requisito de migração de ambos está adulterado, o alojamento indicado não está na lista oficial e o código de matrícula da estação extratora não tem o certificado do supervisor. Além disso, vocês tentaram agredir uma agente na entrada do prédio! Muito me surpreende que ela tenha sido bondosa a ponto de permitir sua entrada, mas eu definitivamente não...

E antes que conseguisse terminar a frase, todos ouviram uma tremenda explosão e o chão estremeceu, derrubando a todos enquanto fumaça e um forte cheiro de queimado tomavam o ar. Layla percebeu que estava caída no chão e que havia entulho caído por todo lado. Tentou abrir os olhos, mas o ardor foi imediato. Recolocou seu filtro nas narinas e sentia bastante dificuldade em respirar. Tetro estava ao seu lado, tossindo e levantando-se.

O silêncio opressor do ambiente havia sido trocado por gritos e choro. A desordem havia tomado o ambiente por completo. Layla se ergueu com ajuda de Tetro. “Você está bem? Está ferido?”, ela queria falar, mas havia tantas partículas no ar que ao abrir a boca, parecia estar comendo terra. Foi um grande alívio quando sentiram água caindo em seus rostos, provavelmente de um sistema de combate a incêndios.

Assim que conseguiram limpar um pouco o rosto e abrir os olhos, Tetro agarrou uma das mãos de Layla e ela o sentiu puxando-a para frente. Assim que se aproximaram viram o agente caído, inerte, sob uma das paredes da guarita. Por todos os lados, viam pessoas confusas e machucadas e, mesmo com tanta poeira e água, a cor distinta de sangue manchava as roupas da maioria. Havia várias pessoas caídas sem se mover.

— Não acredito que tivemos tanta sorte! — exclamou Tetro com um sorriso frio. — Precisamos avançar até a plataforma de embarque.

Layla ouviu as instruções de Tetro, mas sentia-se praticamente dissociada de seu corpo. Apenas acenou com a cabeça e deixou que ele a conduzisse. Ela o viu agachar dentro da guarita, pegar um dos equipamentos

do agente e escanear seu próprio Folio. Ela se viu estendendo seu próprio Folio para que também fosse escaneado e então seguiram em frente.

Avançaram por alguns corredores em meio a uma correria de pessoas indo e vindo. Conforme Layla deixava de sentir-se tão aérea, chegaram ao posto de liberação para a plataforma. O agente estava prestes a expulsá-los quando apresentaram a liberação de embarque autenticada pela mesa migratória. Ele pareceu contrariado por um instante, mas sinalizou para que avançassem, enquanto respondia à uma mensagem em seu comunicador, "Ataque terrorista? Estou indo!".

Ao ultrapassar o último corredor, viram-se num ambiente amplo parecido com uma estação de trens. Até onde sabiam, deveriam embarcar em vagões menores e estes se deslocariam para dentro de uma das naves que decolaria rumo às colônias, com milhares de imigrantes. Procuraram por Kazuki, mas não havia nenhum sinal do homem.

Caminharam com um certo senso de alívio apesar da dor física que começavam a sentir. Encontraram o vagão indicado em sua documentação, entraram e encontraram a pequena cabine onde passariam a próxima semana. Não tinha janela, mas havia grandes poltronas reclináveis que usariam para dormir. Deixaram seus poucos pertences no chão e deitaram-se nas poltronas, permanecendo em silêncio por alguns minutos. Tetro quebrou o silêncio.

— Ainda não acredito que tivemos tanta sorte. A droga das documentações que o Kazuki nos deu não serviram para nada! Foi por muito pouco que não acabamos de volta ao Distrito 4 ou numa cela.

— Ou mortos. Você acha que muitas pessoas se machucaram? — disse Layla sentando-se na poltrona, olhando para o chão.

— Não acho que faça diferença — deu de ombros, enquanto também se sentava. — No fim, foram menos pessoas para disputarmos essa cabine. Até se tivéssemos toda a documentação verdadeira, provavelmente estaríamos alocados nas esteiras de sono e chegaríamos lá completamente entrevados.

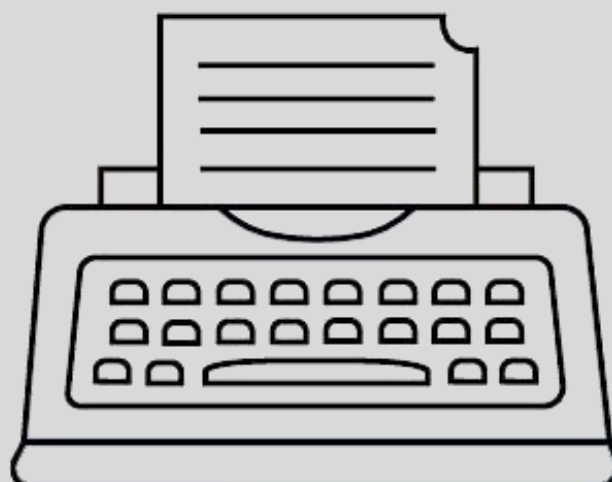
Pouco menos de uma hora após embarcarem soou o aviso de decolagem. Puderam sentir quando a nave começou a se mover, vencendo a resistência da atmosfera e da gravidade. Finalmente sentiram que estavam no espaço e em rota para seu novo lar.

Tetro sorria, perdido no próprio alívio, comentando sobre como “o acaso os tinha salvo de um destino terrível”. Layla concordou com a cabeça se recostando na poltrona, mas sem sentir conforto algum. Com olhos fixos no chão, a imagem da senhora com cabelos desarrumados voltava a sua mente. A sua consciência se contorcia com a lembrança do momento em que colocara o dispositivo em sua bolsa. Se não tivesse feito nada, tudo estaria acabado para eles, mas teria ela exagerado na potência do explosivo?

Felipe Palomaro nasceu em 5 de maio de 1987 e é formado em Engenharia. Desde sempre apaixonado por fantasia e ficção científica, trabalha com tecnologia e recursos humanos, o que serve como inspiração para suas histórias sci fi. Seu trabalho é inspirado pelos grandes nomes da ficção e suas histórias buscam explorar conflitos e situações atuais sob a ótica daquilo que se pode prever de nosso futuro.

Instagram: [felipe.palomaro](https://www.instagram.com/felipe.palomaro)

Amazon: [Felipe Palomaro](https://www.amazon.com/Felipe-Palomaro)



O Último Filme da Vida

Por João Augusto Bandeira de Mello

Ainda me lembro da primeira vez que fui a um cinema. Como esquecer do vermelho vivo do hall de entrada; da pipoca que voava no vidro do balcão; dos mil doces que me tentavam, representando porções externas de alegria?

Recordo-me de olhar de instante em instante em meu relógio do Mickey, para ver se já estava na hora de o filme começar. O Mickey parecia sorrir de cumplicidade. Já eu parecia sorrir de nervoso... Os braços do Mickey rodavam com vagar; pareciam querer eternizar o momento – quem dera aquele início glorioso perdurasse até o final, o final mesmo...

A experiência, hoje, é semelhante, mas infelizmente nem de longe sinto a mesma alegria. Nem poderia sentir. O nascer do Sol é alegre porque cheio de possibilidades; o ocaso é melancólico porque simboliza uma partida.

Não havia como ser igual, não tinha por que ser. É semelhante, mas profundamente diferente.

O vermelho vivo e alegre da entrada do cinema foi substituído por um balcão de recepção frio e branco, permeado de moças e rapazes solícitos e operantes. Todos usavam uma farda meio acinzentada e eram rápidos em fazer leituras de implantes neurais e preencher os formulários nas estações de trabalho. A checagem da íris e do implante é rápida (praticamente não há o que fazer), mas no meu caso específico, de espectador de última hora, alguns cuidados devem ser observados, e fazem com que o tempo de atendimento se alongue.

Diz o manual de operação que eu ajudei a redigir, em linguagem clara e esquemática: atenção ao marcador do relógio digital que repousa no pulso, pois o tempo é relevante para que o objetivo seja cumprido, e deve ser informado na planilha de prioridades; deve-se manter a cordialidade e a

empatia sem que se descambe para a pena ou piedade. Portanto, é necessário saudar o espectador para que este se sinta acolhido, porém, sem cargas emocionais excessivas que gerem distúrbios, choros ou cenas (Este é um procedimento como outro qualquer, explica o manual).

O relógio também era uma diferença marcante. O simpático Mickey foi substituído por um cronômetro regressivo ligado por tecnologia Bluetooth ao implante neural e ao leitor de sinais vitais. E diferente do Mickey, que parecia ser um apresentador de momentos felizes e vibrantes; o cronômetro era um arauto do fim e do nada.

Seis horas para o momento fatal e contando. Eu quis por vontade própria fazer parte da primeira geração de homens e mulheres que saberiam o momento exato de sua própria morte. O assunto é polêmico, reconheço. Uma vez ouvi dizer que os ciclopes, por exemplo, sabiam o momento exato de sua morte, e por isso viviam taciturnos e angustiados. Nunca confirmei a veracidade do mito, mas aquela ideia ficou em minha cabeça: - seria bom saber o momento exato da morte? Eu quis saber.

Se eu titubeei na hora de colocar o relógio? Claro que sim. Mas como investidor, eu tinha que dar o exemplo. E apesar do desatino do projeto, nossos brilhantes especialistas em consumo tinham ideias mágicas de como seria útil este cruel artefato.

Diziam, por exemplo, que seria muito útil para grandes empresários prepararem suas sucessões, dividir bens em vida e despedirem-se de suas famílias. Ou mesmo, quem sabe, para gastar tudo que tinham e não deixar nada para ninguém...

Era o meu caso (de grande empresário): sempre lógico e racional, ensinei a meus filhos o valor do dinheiro:

— Crianças, por trás de todo preço, ação e amizade, há sempre uma conta matemática...

— Acumular riqueza é uma garantia de futuro, e de respeito. O dinheiro move o mundo e as pessoas. Metafísica é para sonhadores empobrecidos....

O estranho é que no mesmo momento em que eu soube o exato instante em que eu partiria, senti um efetivo desconforto. Desconforto que aumentou quando meus filhos souberam o momento azado da partida. Não sei se foi paranoia ou surgimento de complexo de inferioridade por ter iniciado celeremente minha caminhada em direção ao meu desfecho. Mas de todo modo, percebi um sentimento diferente de meus filhos em relação a mim.

Imaginei no início que eram atitudes desconcertadas, fruto da pena e da saudade antecipada. Que certa impaciência e diminuição de cuidados fossem fruto da tristeza com a fatalidade que se aproximava. Que as falas reiteradas em relação ao futuro deles fossem o medo de repisar o presente de minha tragédia.

Mas a dúvida cresceu a ponto de eu enxergar neles um alívio crescente, que atinge seu apogeu no dia de hoje. Vi caras de sonho e até planos para depois deste dia. Quero estar enganado, mas o fato de eu chegar sozinho ao espetáculo final é um triste indicativo. Todos prometeram estarem comigo no momento do desenlace. Ainda não chegaram.

A solidão e a mágoa normalmente não são boas analistas de sentimentos alheios. Deixo as reclamações de lado. Sei da importância de minhas últimas memórias, pois estas farão parte do conjunto que ficará registrado na eternidade. Farão parte do meu legado. (E quando se parte, o legado é o último alento...). Tento, portanto, que minha memória registre os momentos bons que passamos, e que a solidão e a mágoa não corroam o fechamento do ciclo.

Fecho o olho e o vazio me invade. Tento falar, mas parece que um eco reverbera. Tento fazer tudo importar. Mas o que importa neste momento, e o que obsessivamente me toma, é o fato de que estou sozinho.

— O procedimento começará em cinco minutos — diz a atendente com uma frieza gentil.

Percebi que ela olhou de relance para meu relógio. Deve ter pensado: cinco horas e quarenta cinco minutos são suficientes. Os filmes nunca duram mais de três horas, tendo normalmente a duração de uma hora e quarenta e minutos. Tempo que permite ver, chorar um pouco, ter com os parentes, despedir-se e ir para a sala do adeus, onde soníferos são administrados para que a morte venha dormindo.

Ela se despede, falando no pequeno rádio da lapela, certamente indicando os passos para a próxima etapa. Etapa onde outra atendente fria e gentil cumprirá seu checklist. Tento cumprir o meu — faltam poucas ações. O próximo passo: assistir ao filme.

Imaginei que seria num local tipo uma sala de cinema, mas está mais para um consultório médico. Não há mesas, ou outros móveis além da cadeira única. Não há bancadas, armários ou tapetes. Não há pipoca. Nada. Tudo ascético e impecável em um tom sóbrio de cinza. Uma cadeira e uma tela que cobre toda a parede em minha frente.

Para interagir, apenas um único botão que liga o comando de voz: posso parar, adiantar, retroceder e pedir explicações, diz a operadora com voz grave, parecida com aquela que dá avisos em aeroportos.

Procurro me acomodar da melhor maneira possível. Não houve um único momento nos últimos cinco anos (desde quando passei a usar o relógio e paguei pelo direito de ver a obra) que não tenha me preparado para este momento. Tento ser forte, convencendo-me de que, tendo minha vida sido coroada de sucessos profissionais (sou um milionário — sou vitorioso) e familiares (filhos criados com tudo o que o dinheiro pode pagar), o filme somente pode ser uma ode à minha existência, o proselitismo de uma vida abençoada.

A cadeira única é confortável. Não há testemunhas, não há bajuladores. Há apenas o confronto final da experiência com a realidade, ou da experiência com a experiência. Aquilo que vivi à luz de minhas memórias e a dos outros; o resultado final de toda a minha caminhada. Dizem que a vida pode ser um jogo do tipo ganha-ganha: eu feliz, fazendo outros felizes. Eu achava isto até ver o filme – preferia não ter visto.

A experiência de se fazer um longa-metragem baseado em memórias subjetivas de uma pessoa, junto àquelas memórias das pessoas mais próximas com as quais o moribundo conviveu, foi, sem falsa modéstia, uma ideia minha.

Sempre achei que vidas vitoriosas – como a minha – deveriam ser levadas à posteridade. Seres humanos plenos de sucesso deveriam ter a oportunidade de imortalizar suas grandes conquistas por meio de um filme, o mais real que poderia ser feito, para servir de lição para outras pessoas aprenderem com nossas realizações e acertos.

Porém, uma lição que não aprendi é que expectativas certas de grandes vitórias, na maioria das vezes, são prenúncios de soberbas tristezas e como não poderia ser de outra forma – enormes derrotas.

O filme começou. Para quem nunca viu a história de sua vida estrelada por você mesmo, posso dizer que era como ver uma fita de vídeo de um aniversário ou de uma viagem, porém sentado em uma cadeira elétrica. Eventos simples ganham enorme dimensão pelas circunstâncias do momento. Minha infância, meus saudosos pais e irmãos, o registro reconstruído de como edifiquei as bases de minha vida de sucesso traz um sentimento de gratidão a mim mesmo por ter acertado tanto.

Mesmo perto do fim eu não perdia o cacoete de vislumbrar utilidade em minhas realizações. Tinha certeza de que a história de minha infância inspiraria muitos jovens e adolescentes. Um filme inspirador – chego a deixar escapar um sorriso (o primeiro de há muito tempo). Tudo ia muito bem: quanto

mais crescia em cena, mais eu sorria, mais valia a pena. Nada mais sublime do que um sentimento de legado, para aplacar a dor da partida.

Mas, de repente, como se houvesse um roteirista capcioso ou um diretor querendo enganar o telespectador, a trama mudou. (Mais tarde, no último momento, eu perguntaria: *Como eu não entendi a mudança?*)

Percebi pelas feições das pessoas do filme que o mocinho super-herói humanizava-se e desumanizava-se em bandido. Era como se as gravações tivessem trocado de diretor e tudo que era idealizado, ruía ruína abaixo. O meu relacionamento com minha esposa, a criação de meus filhos, a escolha de suas profissões, a compra da empresa de tecnologia, todas as histórias eram contadas de uma forma sarcástica e mentirosa.

Como mostrar minha saudosa companheira apenas triste e chorando pelos cantos? Como ter um close de meu filho me amaldiçoando como pai? Meu ex-sócio dizendo no leito de morte haver morrido por minha causa?

Como mostrar colaboradores divididos em duas possibilidades: os que me odeiam e os que têm pena de mim? Como aceitar meus assessores mais próximos e mais queridos olhando-me com piedade? Eu, que do alto do morro decido a vida das pessoas? Como alguém ousa ter pena de mim? Não admito! Não aceito!

Ligo o botão da operadora. Grito. Digo que está tudo errado:

— É tudo mentira! É tudo falsidade! O algoritmo está errado!

A operadora parecendo já saber o que ia acontecer, pois já havia acontecido em outros testes; calmamente, entre meus xingamentos e palavrões, diz, com voz mansa e calma, que normalmente na transição entre a infância e a vida adulta há uma mudança de enredo. Explica que para a primeira parte, normalmente somente se dispõe das memórias do interessado, e quando há parentes próximos, pais e irmãos, as lembranças são normalmente idealizadas.

E para o decorrer do filme, são juntadas memórias mais críticas e recentes; juntam-se as memórias de filhos, esposas, amigos, colaboradores... E o programa capta as memórias subjetivas de cada um. O que cada um viu da vida, etc etc etc. Com seus sentimentos VERDADEIROS, etc, etc, etc. (Parece que pensava: *Triste aquele que não enxerga além das verdades sociais...*)

Não escutava mais a voz da operadora, escutava apenas a voz do meu ex-sócio no exato trecho do filme em que ele dizia: *ele ainda há de sofrer o que eu estou sofrendo nestes últimos momentos... Ele ainda há de sofrer... sofrer muito...*

Não há mais o que dizer, nada mais há a relatar. Para mim o filme acabou.

Não sei se foi porque não quero mais ver outros absurdos e falsidades, ou porque o relógio começou a apitar antes da hora; ou porque a imagem de repente desapareceu. Ou simplesmente, se foi porque geralmente não se consegue perceber o exato momento em que se perde a conexão com o filme da vida que passa inexoravelmente pela tela branca de nossos olhos....

João Augusto Bandeira de Mello é servidor público por vocação e tem a escrita como fonte de sonho, expressão e inspiração. Para ele, o ato de escrever é uma necessidade vital, mas, acima de tudo, uma oportunidade de participar da grande conversa universal humana. É articulista do site Radar Sergipe, onde compartilha ideias, argumentos e sentimentos. Escreve sobre gestão, governança e, sobretudo, sobre educação, pois acredita que aprender é o grande sentido da evolução da vida.

Radar Sergipe: [Joao-Augusto-Bandeira](#)

A Tempestade

Por José Alberto

— Hora de acordar, Eddie. — Disse Brown.

Edward estava em um sonho agradável, no qual uma moça vestindo um biquíni maravilhosamente curto o convidava a tomar uma água de coco à beira da praia, quando despertou subitamente. Abriu os olhos, sentindo a atmosfera fria da nave, e fitou o dróide à sua frente.

— Por acaso você é o que, meu pai? — Perguntou Edward.

— Não, Eddie. — Respondeu Brown. — Sou apenas um modelo doméstico 2036-03 Brown da *Robotic HIU*, e se não me falha a memória, você me pediu que eu o despertasse quando chegássemos ao planeta Tãwhaki.

— OK, então vamos trabalhar, Escangalhado. — Disse Edward, ao passo que levantou-se da cama até o banheiro.

Um banho quente era sempre a melhor forma de começar o dia, e Edward gostava de ter uma rotina, do despertar à hora de dormir; quando se viaja sozinho pelo espaço, criar hábitos diários ajuda o indivíduo a não enlouquecer, e Edward não pretendia rompê-los logo em seu último trabalho. Ele tomou uma ducha rápida, depois voltou para o quarto e pôs-se a se exercitar, pois, devido a importância de manter o corpo em forma, ele realizava todos os dias uma quantidade mínima de atividades físicas. Feitos os exercícios, retornou ao banheiro, onde tomou um banho mais demorado. Em seguida, vestiu suas roupas e seguiu até a cozinha.

— Brown, prepare a nave para aterrissar e faça uma análise do planeta.

— Ele disse enquanto ligava a cafeteira. — Ah, e coloque uma música, nada muito agitado, algo para café e contemplação.

— Claro, Eddie — disse o andróide, se dirigindo à cabine em seguida.

Edward preparou seu café da manhã, que consistia em dois ovos fritos, torradas e uma xícara de café, e, momentos depois de Brown se retirar, ouviu *Strangers In The Night* tocar no sistema de som. Sua nave não era muito grande, ou pelo menos não seria, se carregasse a quantidade de tripulantes que comportava, mas um homem sozinho poderia viver confortavelmente em um local originalmente feito para quatro pessoas. Edward sorriu, até aquele momento, seu dia estava seguindo muito bem. Após terminar seu desjejum, seguiu para a cabine.

— Estamos prontos para aterrissar a qualquer momento, Eddie. — Disse Brown. — Mas acho que devia reconsiderar essa ideia.

— E por que você acha isso? — Edward falou enquanto tomava assento ao lado do robô.

— Bem, a União Interplanetária da Humanidade tornou ilegal qualquer aterrissagem no planeta.

— É verdade, mas por acaso eles estão aqui agora?

— Não Eddie.

— Exato, eles abandonaram o planeta. Uma instalação de pesquisa e mineração da União, completamente abandonada, eles largaram tudo pra trás. Sabe o que isso quer dizer, Brown?

— O quê, Eddie?

— Que todas baterias, todas as armas e toda carga deles ainda está lá, só esperando alguém que as leve embora desse fim de mundo. Sem falar nos minérios, que não foram retirados.

— Não acha estranho que União tenha evacuado o planeta após apenas um mês sem levar nenhum recurso de lá consigo, Eddie? — Questionou Brown.

Edward olhou para frente, e contemplou Tãwhaki, com sua superfície cinzenta vista do espaço, marcada somente por periódicas luzes de relâmpagos gigantescos, que rasgavam o céu do planeta.

— Tudo bem, é um pouco estranho. Mas com o que tem nesse planeta, vamos ganhar dinheiro o suficiente pra irmos pra qualquer lugar desse sistema e nunca mais nos preocuparmos com nada. Agora, me diz onde podemos aterrissar.

— A União construiu suas instalações na região equatorial do planeta; mesmo sendo a mais habitável, ainda há fortes tempestades, com ventos que variam de oitenta a cem quilômetros por hora.

— Então como a União conseguia pousar? — Perguntou Edward.

— As tempestades costumam durar em média uma hora. — Respondeu Brown. — Mas ocorrem intervalos de dez a quinze minutos entre elas. Seremos capazes de aterrissar no hangar e trancá-lo antes que a próxima chuva nos atinja. Estimo que em quarenta e cinco minutos teremos uma chance de pousar em segurança.

— E a atmosfera?

— Extremamente tóxica para você, pois é rica em CO₂, SO₂, N₂ e vapor d'água. Além disso, a pressão atmosférica é de 3,4 ATM, portanto, recomendo que prepare o traje pressurizado.

— OK, vou preparar o traje. Enquanto isso, faça um diagnóstico de seus sistemas. — Disse Edward, levantando-se e indo até os equipamentos.

Edward relutou no início, mas àquela altura estava grato por ter trazido Brown consigo. Ele o havia encontrado em um lixão em outro sistema, dois meses antes, e gastara um bom dinheiro na manutenção, além de ter tido o trabalho de programá-lo, para sua diretriz primária a obedecer, e agora via que fora um bom investimento. Edward vestiu o traje pressurizado e fez as verificações de segurança, antes de preparar o equipamento para descida.

— Diagnóstico concluído. — Disse Brown. — Meus sistemas internos apresentam bom funcionamento, mas estou com apenas oitenta por cento de minha capacidade física total.

— O que isso quer dizer? — Perguntou Edward.

— Que posso carregar no máximo cento e vinte quilos sem sofrer danos.

— Respondeu o androide.

— Vai ter que servir. Quanto tempo até a tempestade acabar?

— Oito minutos.

— OK, vamos nessa. — Edward tomou novamente o assento na cabine e se preparou.

Quando faltavam apenas dois minutos para a janela de ação da aterrissagem, Edward reduziu a velocidade orbital da nave e ajustou sua orientação. Brown já havia calculado a rota da nave em um ângulo preciso para a reentrada, então Edward mergulhou em direção a Tãwhaki. A nave enfrentou uma turbulência severa; ao penetrar na atmosfera ambos imediatamente perderam visão do que estava à frente. A tempestade colossal ocupava toda a visão, uma chuva de gelo e relâmpagos que mais parecia o maior furacão do mundo.

— Tem certeza de que não vamos morrer? — Gritou Edward.

— Eu calculei a rota de pouso prevendo a velocidade do vento, Eddie. Se minhas estimativas estiverem corretas, estamos sendo atingidos por massas de ar a trezentos quilômetros por hora!

A nave era equipada com um para-raios, então não houve danos às funções de energia. Após quase um minuto envoltos em tundra, eles atravessaram as nuvens mais densas e viram a superfície do planeta. O terreno era rochoso, com muitos planaltos e ravinas, um mar congelado se destacava na costa e cordilheiras vulcânicas podiam ser vistas ao fundo. Na entrada de uma enorme ravina, havia um hangar gigantesco, contendo o

símbolo da União Interplanetária da Humanidade. Como Brown havia previsto, a tempestade havia parado momentaneamente, portanto a nave seguiu sem obstáculos até o interior do hangar, que por sua vez, estava vazio.

Edward e Brown saíram logo após o pouso da nave, o primeiro segurando uma caixa de ferramentas; eles foram até o acesso à base que havia dentro do hangar. Havia uma porta que levava a uma câmara de despressurização, mas um painel de acesso pedia pela biometria de quem fosse entrar lá. Edward colocou a caixa de ferramentas no chão, e, retirando uma chave de fenda, pôs-se a abrir o painel. Um minuto depois da abertura, Edward achou o que procurava: uma entrada USB; ele pegou um pendrive que trazia consigo e o inseriu. Nos arquivos havia um programa decodificador, ele o havia comprado de um traficante cibernético no mesmo lixão onde achara Brown.

A luz no painel oscilou ante a ação do pendrive, em seguida a palavra *acesso confirmado* apareceu no display, e a porta se abriu. Edward recolheu a caixa de ferramentas e entrou na câmara junto de Brown. A porta se fechou atrás deles logo em seguida.

— *Despressurização iniciada. Por favor, aguarde alguns instantes antes de prosseguir.* — Disse uma voz robotizada, vinda de um alto-falante no teto da câmara.

— Qual será nossa prioridade, Eddie? — Perguntou Brown.

— Por enquanto, achar o computador central e fazer um download da planta da base. — Respondeu Edward. — Depois, achar o depósito e começar a carregar a carga pra nave. Quanto mais rápido melhor.

— *Despressurização concluída. Bem-vindo!* — A porta à frente deles se abriu revelando um corredor escuro que seguia à direita.

Havia ganchos na parede, para se pendurarem os trajes espaciais, e quando Edward saiu da câmara para o corredor em direção a eles, as luzes se acenderam.

— Menos mal. Brown, o ar aqui está respirável? — Ele perguntou. O robô passou alguns instantes em silêncio, como se matutasse algo.

— Acredito que sim, Eddie, aparentemente os filtros de ar da instalação ainda estão operacionais, não estou detectando gases pesados aqui dentro.

Edward retirou o traje e o pendurou em um dos ganchos, enquanto Brown dava alguns passos tímidos em direção ao corredor. Havia uma porta logo à frente deles, sem identificação, e o caminho seguia até uma bifurcação no final do corredor.

— Temos uma hora até a tempestade passar, precisamos ser rápidos. — Informou Edward.

Edward verificou se a porta à frente deles estava aberta. Não estava, então desmontou o painel e inseriu o pendrive novamente; minutos depois, a porta se abriu, revelando o que havia lá dentro: armas.

— Só isso aqui já me deixaria amarrar o burro na sombra, imagine o que tem no depósito. — Edward já esfregava as mãos de satisfação. — Bem, vamos recolher essas belezinhas na vol... — Ele se deteve. Ao se voltar novamente ao corredor, pôde ver com clareza uma figura na bifurcação. Àquela distância, parecia uma pessoa nua, agachada. De relance, viu o vulto se esconder na esquina da curva.

— Algum problema, Eddie? — Perguntou Brown.

— Sim... — Ele respondeu.

Edward escolheu uma submetralhadora dentre as armas ali disponíveis e a tomou para si. Verificou se estava suja ou emperrada e recolheu munição para ela.

— O que houve Eddie? — O dróide indagou. — Pensei que as armas fossem para vender.

— Tem alguém aqui na base, Brown, não acho que estamos seguros. — Ele recolheu uma .45 e estendeu ao robô. — Segura isso, sabe usar uma arma?

— Armas de fogo não fazem parte da minha programação.

— Bem, vou precisar que se adapte, então. Segura a arma pelo cabo assim, depois você destrava, tá vendo? A munição fica nesse cartucho que sai por baixo. Uma vez destravada e carregada, você faz mira e aperta o gatilho. Essa pistola dá treze tiros antes de precisar recarregar. Entendeu?

— Entendido. — Brown pegou a arma, a afitando por um momento.

Ambos seguiram pelo corredor, com armas em punho. Quando chegaram à bifurcação, Edward virou a esquina preparado para atirar em algo, porém não havia ninguém lá.

— Vamos nos separar, assim encontramos o computador central mais rápido. — Disse Edward.

Ele foi pelo lado em que vira o vulto seguir, enquanto Brown seguiu na direção oposta. O corredor o levou até outra sala, que Edward logo percebeu ser o dormitório, no entanto, não havia nada nem ninguém por lá. No fim do corredor, ele notou outra porta, bem maior do que as demais; usando o pendrive no painel, Edward revelou uma sala ampla, com um enorme painel, e duas cadeiras destinadas a operadores.

— Bingo.

Ele foi até o computador central, e vendo-o ainda em funcionamento, inseriu o pendrive e acessou os arquivos da base. O local era destinado à mineração de vários metais, além da extração de urânio e água do subsolo. Edward baixou a planta da instalação. Por onde Brown havia ido, o corredor passava por um grande laboratório, e seguia até...

— Eddie. — Edward se virou assustado, apontando a arma para Brown, parado à porta da sala. — Você quer me matar do coração?

— Não precisa gritar comigo, Eddie, eu só vim aqui porque cheguei no fim do corredor.

— O que encontrou lá?

— Passei por um laboratório, mas estava vazio, então continuei andando até chegar a uma grande porta. Acredito que seja...

— É, eu sei. — Interrompeu Edward, observando a planta da base. — Um elevador, para o subsolo.

Edward e Brown saíram da sala e foram em direção ao elevador, que os levaria direto ao local onde eram armazenadas as matérias primas coletadas em Tãwhaki, em um enorme armazém subterrâneo. Se Edward não estivesse com tanta pressa, eles teriam notado a grade da tubulação quebrada, dentro da sala do computador, onde havia alguém oculto nas sombras, se movimentando pelas paredes.

— Encontrou a pessoa que viu mais cedo, Eddie? — Perguntou Brown.

— Não. Talvez tenha sido só minha imaginação, devo estar paranoico porque tá tudo fácil demais.

— É bem improvável que a União tenha deixado funcionários em um planeta cuja entrada foi proibida.

Eles chegaram ao elevador, e, com mais um uso do pendrive, Edward chamou-o. Quando este chegou, revelou ser uma plataforma larga em um enorme túnel que descia mais de cem metros até o subsolo. E, logo atrás deles, uma grade de tubulação foi cuidadosamente removida, e uma figura saiu em direção a eles.

— Bem, o elevador é grande, deve aguentar bastan... — Edward foi interrompido por um grito gutural, e quando olhou para trás, viu um homem saltando sobre ele. Estava nu, com o cabelo e a barba grandes e mal tratados, assim como suas unhas, e gritava como um animal selvagem. O louco caiu por cima de Edward, dando um safanão na submetralhadora e indo com tudo

na garganta dele; ele era mais forte do que aparentava, e tentava agarrar o rosto de Edward de qualquer maneira.

— Você não é digno de vê-lo! Me dá o seu rosto! — Gritou o louco. — Você será a minha oferenda, glória à... — A frase foi interrompida pelo estampido de um tiro, ao passo que o crânio do agressor explodiu, espalhando sangue e pedaços de cérebro e osso por Edward e pela plataforma.

— Você está bem, Eddie? — Perguntou Brown, o cano da pistola ainda fumegando.

O elevador descia depressa. Àquela altura, Edward já havia se acalmado, e tentava racionalizar o acontecido, mas o porquê de ainda haver alguém em Tãwhaki, ainda mais naquelas condições, era um mistério. A temperatura aumentou gradualmente quando o elevador ultrapassou a marca dos cem metros de profundidade. Após a porta se abrir, revelou uma ante sala, onde uma voz computadorizada disse que aquela era uma área de risco, e o uso de máscaras de gás era obrigatório, Edward logo notou máscaras penduradas às paredes, pegou uma e entrou no depósito.

Era uma caverna subterrânea colossal, repleta de cargas empilhadas e carros para levá-las ao elevador. Era impossível enxergar o teto da caverna, pois estava um breu lá dentro. Edward foi até o disjuntor perto do elevador.

— Vamos nessa. — Tentou ligar as luzes, mas não havia energia naquela área. — Ah, que ótimo.

Ele seguiu pelo depósito limitado à luz da lanterna, que em um lugar tão grande, mal iluminava tudo. Começaram a averiguar a carga, havia urânio, água e platina dentre os minérios, e alguns gases armazenados para combustível. Eles moveram a carga ao elevador com os carros, mas ainda havia espaço, então seguiram mais fundo dentro do depósito; Edward viu algumas caixas perto de um dos paredões da caverna, e foi até lá com Brown recolher a carga.

— Interessante. — Disse Brown.

— O quê?

— Olhe aquilo. — O robô apontou à direita das cargas.

E então ele viu. No fundo da caverna, no paredão, havia uma porta colossal; era de pedra, logo não podia ser nenhuma construção da União. Era impossível vê-la por inteiro, por sua imensa altura, mas havia gravuras entalhadas na pedra, mostrando relâmpagos e trovões atingindo construções e pessoas.

— Um claro sinal de vida inteligente. — Explicou Brown. — Que fenômeno raro.

— Verdade, é muito impressionante. — Concordou Edward. — Mas por que abandonar um mundo tão bom pra pesquisas quanto esse? — Ele olhou ao redor da porta, e notou enormes rachaduras no paredão, por onde um homem adulto passaria sem problemas, se estendendo até o chão. — Quer ver o que tem do outro lado? Talvez os nativos desse planeta tenham guardado alguma coisa lá atrás.

— Isso é entusiasmante, é tão raro encontramos vida fora da Terra. — Mencionou Brown. — E agora entraremos em contato com uma antiga civilização extraterrestre.

Quando chegaram à rachadura, Edward sentiu os pelos do corpo arrepiarem subitamente. Era, de maneira inexplicável, eletricidade estática. Eles atravessaram a rachadura, que era quase um túnel por si só, e chegaram do outro lado. Lá, o chão era de rochas, e não de metal, e a caverna seguia imensa.

— Vamos lá ver o que... — Edward foi interrompido por um estrondo.

Eles encararam a escuridão da caverna, e ouviram outro estrondo, seguido por algo brilhando no escuro. A mais de noventa metros de altura, eles viram uma esfera azul brilhante surgir, e depois outra, e depois outra.

Com horror Edward percebeu que eram olhos se abrindo, e não eram estrondos, mas passos vindos em sua direção. Eles testemunharam o colossal vulto atravessar a caverna em poucas passadas, e quando a luz da lanterna alcançou aquilo, Edward sentiu as lágrimas descerem. A criatura era horrenda, sua pele azulada e enrugada, e tinha um cheiro que nenhum humano jamais havia sentido. Sua aparência era complexa demais para se pôr em palavras.

A eletricidade estática estava maior do que nunca, Edward ouvia vozes em sua cabeça, a voz do deus ali aprisionado, que o libertasse. Sentiu também a urina descer quente por sua calça, enquanto seu coração batia freneticamente. Sua respiração falhou, e ele tentou fechar os olhos, porém, sem sucesso. Edward caiu no chão, seu coração quase explodindo no peito, sem conseguir respirar. Sua última visão fora o vislumbre de uma tempestade eterna, algo que nenhum humano jamais deveria sequer tentar imaginar.

Edward estava ao chão, morto. Sua mente não era capaz de lidar com a presença de um deus, pois humanos eram simples demais. O mero conceito de sua existência não significar nada já os amedrontava. Nenhum ser vivo era capaz de suportar a presença do deus aprisionado sem morrer ou enlouquecer, era complexo demais para mentes tão primitivas serem capazes de compreendê-lo.

Porém, Brown não era um ser vivo.

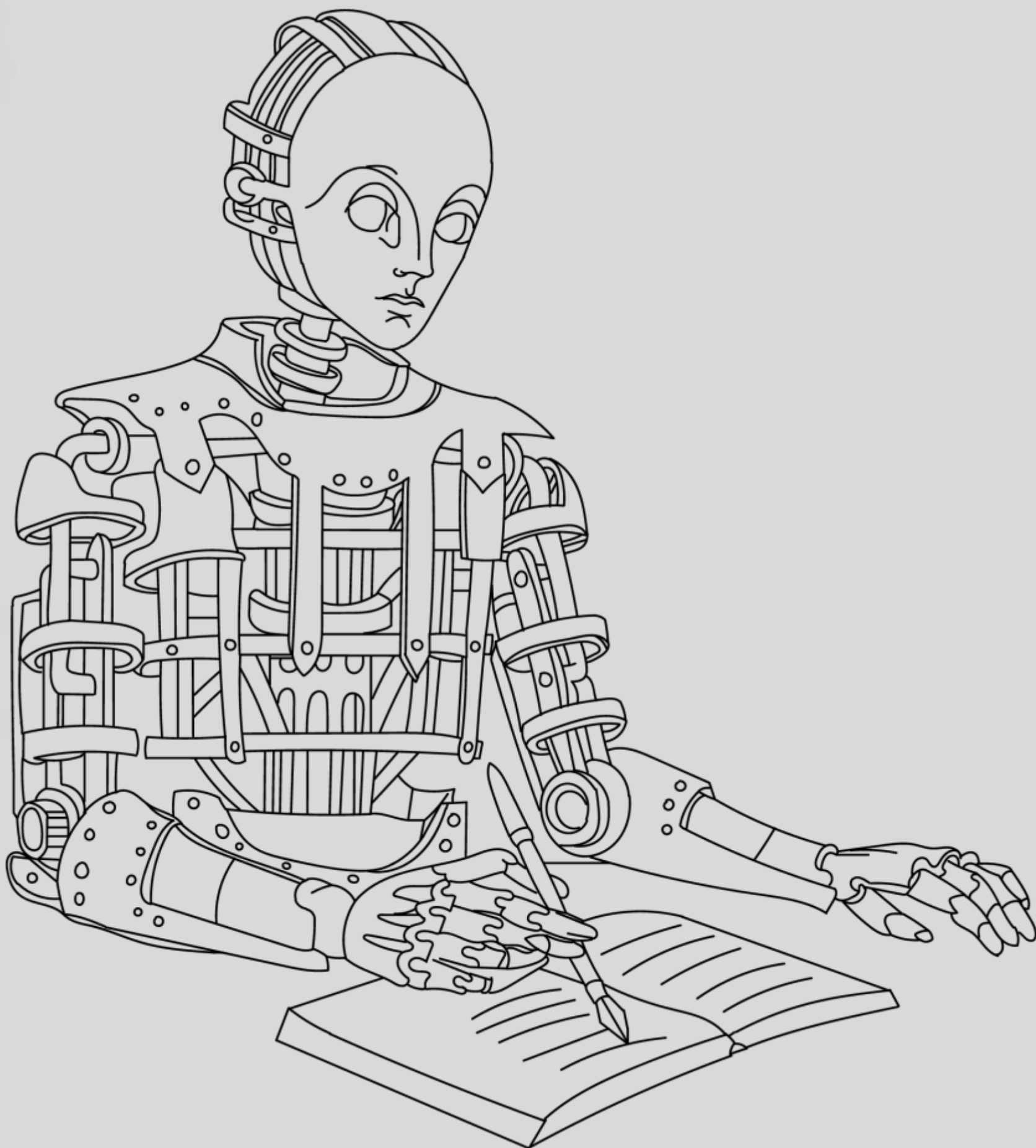
— Fascinante. — Disse o robô, calmamente. — Você fala algum idioma?

E de fato, ele falava. Brown passou meses analisando o idioma ancestral da criatura, até conseguir decifrar uma única palavra.

— *Liberte-me.*

José Alberto tem 21 anos e é natural do Rio de Janeiro. Começou a escrever por volta de setembro de 2024, inspirado por seus autores prediletos, como Stephen King, Leonel Caldela e Raphael Montes. Costuma escrever majoritariamente terror, mas não se limita a outras categorias.

Instagram: [jos34.lberto](https://www.instagram.com/jos34.lberto)



O Império dos Três Mundos

Por Lucas Santos

Quando acordou, Felipe sentiu que algo estava diferente. Seu corpo estava igual, era ele mesmo. Na mesma cama, no mesmo quarto, no mesmo horário de todos os outros dias, mas ainda assim, alguma coisa parecia ter mudado. Costumava programar o despertador para às 06h30, mesmo quando precisava levantar uma hora depois. Gostava de ouvir as notícias do jornal da manhã para ter assunto ao longo do dia.

— Ligar TV — comandou Felipe.

Enquanto ouvia as primeiras notícias, pegou o celular na mesa de cabeceira. Abriu o aplicativo e acionou a cafeteira para a moer os grãos de café. Havia uma notificação de mensagem. Clicou no ícone e a tela projetou um holograma. A imagem de uma mulher desconhecida, branca, de cabelo vermelho, certamente pintado em casa, e um terninho barato.

— Bom dia, senhor Felipe! Eu sou a Letícia, assistente da doutora Ruth Maranata. Entro em contato para confirmar a entrevista marcada para às 10h. Todos nós do Pure Water Group estamos muito contentes com a possibilidade de ter o senhor aqui. O senhor quer que mandemos um carro?

Felipe precisou de alguns segundos para processar a mensagem recebida. Se esforçou para buscar na memória alguma informação que o ajudasse a entender aquela mensagem. Não se lembrava de já ter ouvido falar no tal Pure Water Group, nem da excelentíssima doutora Ruth Maranata, nem de ter qualquer compromisso agendado para a manhã daquela quinta-feira. Antes que pudesse responder, o holograma seguiu.

— Senhor, podemos confirmar a entrevista?

A curiosidade, naquele momento, falou mais alto que as dúvidas e ele respondeu positivamente à mensageira eletrônica.

— Ok, senhor! Um carro irá buscá-lo em sua casa.

— Um minuto! — Exclamou Felipe antes da mensagem se encerrar. — Você pode me dizer qual o interesse da empresa em me contratar?

— Senhor, essa é apenas uma mensagem virtual. Só posso lhe conceder informações que me foram passadas.

— Certo!

— Foi um prazer ajudá-lo, senhor.

Ainda um tanto aturdido, Felipe decidiu se levantar. Ao chegar na cozinha, o café já estava pronto. Pegou um potinho escrito “quinta-feira” contendo algumas cápsulas, vitaminas e estimulantes. Tomou-os com um gole generoso de água. Depois, encheu uma caneca de café, pegou algumas bolachinhas e retornou ao quarto.

— Abrir cortinas!

Sentado na cadeira do mini escritório viu aquele céu cinzento. Desde que a poluição global havia atingido níveis considerados irreversíveis, não era mais possível ver o sol ou o azul do céu em nenhuma grande cidade do mundo. Agora, aquele era um privilégio das pessoas que viviam no campo e nas pequenas cidades, longe das metrópoles.

Sentado, continuava no esforço de se lembrar de quando havia marcado aquela reunião, quem eram aquelas pessoas e do que se tratava a empresa.

— Abrir e-mails!

Não havia qualquer menção. Buscou as conversas no aplicativo de mensagem e igualmente não encontrou respostas.

— IA, pesquisar Pure Water Group!

— Pure Water Group é uma empresa do ramo de bebidas que trabalha com tecnologia de produção de água em laboratório. Nos últimos anos ela tem sido líder do setor com faturamento de aproximadamente 327 bilhões de dólares no ano de 2044. Segundo a revista *Billions*, a Pure Water Group dominará todo o mercado de água e seus derivados nos próximos anos. Seus contratos com os governos lhe concederam o monopólio da distribuição de água potável residencial.

Felipe se sentiu ainda mais consternado. Qual seria o interesse de uma empresa fabricante de água em laboratório em um professor de língua inglesa do ensino médio? Desde o término da faculdade, sua única experiência havia sido em sala de aula. Uma empresa deste tamanho não contrataria um professor de escola pública como tradutor, não devia ser isso. Nenhuma de suas atividades justificava qualquer interesse corporativo.

Não era alguém propriamente interessante ou especial, a não ser em um único lugar, o mundo virtual do jogo *Empire of the three worlds*. Sua grande paixão era construir grandes impérios no jogo. Mesmo com toda a confusão daquela manhã, fez o que sempre fazia. Tomou seu café e foi jogar um pouco antes das atividades cotidianas. Sentou-se na cadeira de jogos, colocou os óculos de realidade virtual, encaixou a pequena cápsula atrás do ouvido, relaxou o corpo.

— Ligar jogo!

Em uma fração de segundo ele não estava mais ali. Quer dizer, seu corpo descansava quase desacordado na cadeira, porém, sua mente trafegava pelo império onde ele era o Imperador Calígula Napoleão, grande guerreiro que liderava o ranking de *Empire of the three worlds*. A pontuação de cada jogador estava associada à extensão do seu império, ao número de batalhas vencidas e à quantidade de súditos que pagavam tributos. Felipe vinha rivalizando com alguns outros jogadores, mas há quase um ano liderava o ranking sem ninguém para o desafiar.

Depois de pouco mais de uma hora de interação com seus súditos e monarcas de reinos vizinhos, Felipe saiu do jogo e foi se aprontar para a grande entrevista da qual ele não tinha ideia do porque seria entrevistado. Tomou um banho, escovou os dentes, se perfumou, colocou sua melhor, e saiu. O carro já estava parado na porta do seu prédio. Um veículo preto, com vidros escuros, autônomo, movido à energia solar. Quando se aproximou a porta se abriu automaticamente. Entrou e se sentou, saudado por uma voz mecânica.

— Bom dia senhor, espero que esteja bem. O clima está agradável e não há trânsito. A sede do Pure Water Group fica a onze quilômetros e setecentos e vinte metros, devemos chegar em vinte e dois minutos. Na prateleira à sua frente o senhor encontrará água, suco natural de frutas, café, bolachas e outros petiscos. Sirva-se à vontade. Na tela acima o senhor pode escolher assistir à programação ou ouvir música. Estou à disposição.

— Toque o álbum *Roots* da banda *Sepultura*.

— Boa escolha, senhor. Sepultura foi uma banda muito famosa no final do século passado. São poucas as pessoas que gostam de músicas tão antigas.

Felipe se serviu do que tinha por ali enquanto o alto falante ressoava a voz de Max Cavalera cantando *Roots Bloody Roots*.

— Aumentar o volume.

Vinte e poucos minutos e cinco ou seis músicas depois, o som desligou e a voz mecânica anunciou.

— Chegamos, senhor!

A porta se abriu e Felipe se deparou com um grande complexo empresarial. Uma série de prédios e barracões cercados por um muro baixo e pouca segurança. No centro, um prédio espelhado de uns trinta ou quarenta andares projetava propagandas. Felipe só pensava em como ele nunca tinha

visto aquilo ali. Caminhou até o prédio central, onde o recepcionista lhe deu um crachá de visitante e o guiou até o elevador.

— Trigésimo sétimo andar, senhor.

Felipe subiu sozinho, confuso, com a pulsação um pouco acelerada, sem saber exatamente o que fazia ali. Por alguns segundos hesitou, pensou em desistir, acreditando não o que dizer durante a entrevista. Mas, tomado por uma curiosidade enorme e, principalmente, pela possibilidade de um emprego mais remunerado que da prefeitura, decidiu prosseguir, pois não tinha nada a perder.

A porta do elevador abriu.

— Bom dia, senhor!

Aquele rosto era conhecido.

— Nos conhecemos pela manhã, sou a Letícia. A doutora Ruth já está à sua espera, venha por aqui.

Felipe caminhou indeciso, entretanto seguiu até um amplo escritório, com uma grande mesa de conferência e monitores espalhados por todas as paredes. Uma mulher alta, cabelos negros, um terno bem cortado, saltos altos, postura de quem não teme nada e é temida por todos o observava enquanto ele entrava na sala com a cabeça baixa.

— Bom dia Felipe, seja bem vindo. Meu nome é Ruth, eu sou a CEO do Pure Water Group.

— Bom dia — respondeu Felipe com a voz trêmula e um tanto amedrontada.

— Sente-se, tenho certeza de que está muito curioso.

— Sim, ainda não entendi bem porque estou aqui e como me encontraram.

— Bom, como tudo na minha vida eu vou ser direta com você.

Felipe levantou a cabeça com interesse e encarou Ruth nos olhos enquanto via dois homens bem vestidos entrando na sala e tomando assento.

— Felipe, eu te chamei aqui hoje, não é para falar sobre um emprego, não há qualquer função aqui nessa empresa que pode ser exercida por um professor de inglês pouco qualificado como você.

Felipe franziu a testa, enquanto sentia o sangue esquentar, mas antes que ele pudesse responder, a mulher continuou.

— Felipe, ou devo dizer, Imperador Calígula Napoleão, você está aqui hoje por sua habilidade e capacidade como jogador de *Empire of the three worlds*.

Confuso, o professor imaginou que a empresa talvez quisesse fazer alguma campanha de marketing envolvendo um jogo popular, e como ele era um dos melhores jogadores do mundo, fazia sentido ele estar ali. A simples menção ao jogo o levou para um lugar seguro, sua postura na cadeira mudou e a conversa pareceu um tanto mais interessante. Um dos homens que havia entrado na sala tomou para si a palavra e questionou Felipe:

— Há quanto tempo o senhor lidera o ranking do jogo?

— Há nove meses - respondeu sem disfarçar o orgulho.

— E qual a sua vantagem em relação à segunda colocada, Rainha Astrid?

— No momento, eu tenho mais que o dobro em terras e moedas.

— E como é possível conseguir mais terras e moedas no jogo?

— Bom, tem duas formas — Felipe era um especialista — a primeira é vencendo batalhas e tomando as terras dos derrotados, e a outra é se aliar ou receber doações de outros jogadores.

Neste momento Ruth interrompeu.

— E é justamente por isso que você está aqui. Eu sou a Rainha Astrid, estou há seis meses tentando te ultrapassar e não consigo. Chamei você para lhe fazer uma proposta.

Felipe quase se arqueou em seu assento, no entanto, não deixou transparecer a surpresa. Em vez disso, a encarou com o olhar confiante do jogador número um.

— Quanto você quer para me doar suas terras? É só dizer o valor que transferimos imediatamente para a sua conta. Diga o preço, você pode sair daqui hoje muito mais rico do que um dia imaginou.

— Eu não posso fazer isso — respondeu com certo nervosismo — se você quer vencer, me vença no jogo. Levei sete anos para construir todo o meu império, não posso simplesmente te entregar.

— Escute, Felipe. Eu sou uma vencedora. Foi assim que cheguei onde estou hoje. Eu venço, de um jeito ou de outro. Estou te oferecendo uma alternativa para você pode lucrar também, mas se não quiser, posso fazer de uma forma mais dolorosa.

— Meu Deus, é apenas um jogo — gritou Felipe.

— Se é apenas um jogo, porque não pode abrir mão?

— Porque esse jogo é a única coisa em minha vida em que eu realmente sou bom.

Por alguns segundos o silêncio imperou naquele ambiente. Era possível segurar a tensão com as mãos. Ruth mais uma vez quebrou a quietude.

— Bom, se não conseguiremos por bem, vou mostrar o que posso fazer.

Em uma das telas apareceu o endereço de Felipe.

— Aquele é seu endereço, não é? Bom, estou cortando o fornecimento de água para a sua casa nesse momento.

— Mas você não pode fazer isso! - gritou Felipe, dando um tapa na mesa
— eu vou à polícia.

— Mostre a ele!

Em uma outra tela, apareceu uma lista de contatos telefônicos.

— O que você está vendo, Felipe, são meus contatos. Presidente, juízes, senadores, deputados, empresários. As pessoas mais ricas e poderosas do país me devem favores. Você pode até chamar a polícia, mas nada vai adiantar.

Felipe não conseguia acreditar no que estava vendo. Apertou os olhos duas ou três vezes, para se certificar de não estar sonhando.

— Eu posso fazer mais — seguiu Ruth — posso cortar o fornecimento de água dos seus amigos, seus familiares, posso interromper o fornecimento da cidade inteira, do país. Milhares de pessoas morreram desidratadas, sem acesso à água potável. Está tudo nas suas mãos, Felipe. A decisão é sua. O jogo vale tanto assim para você?

— Certo, tá bom — interrompeu Felipe — eu aceito, mas tenho algumas condições.

— Diga...

— Eu quero fornecimento gratuito e vitalício de água.

— Ok, posso fazer isso.

— Quero também que você transfira um milhão de dólares para minha conta agora.

— Posso fazer isso também.

— E eu não quero nunca mais te ver.

— Quanto a isso, pode ficar tranquilo. Agora, coloque os óculos, entre no jogo e passe suas terras para mim, enquanto meus assessores garantem que suas exigências sejam cumpridas.

Felipe entrou no jogo e passou todas as suas posses e conquistas para a Rainha Astrid. Retirou os óculos, se levantou e caminhou em direção à porta. Antes de sair, olhou mais uma vez para a milionária ladra de espólios virtuais e questionou:

— Por que você fez isso?

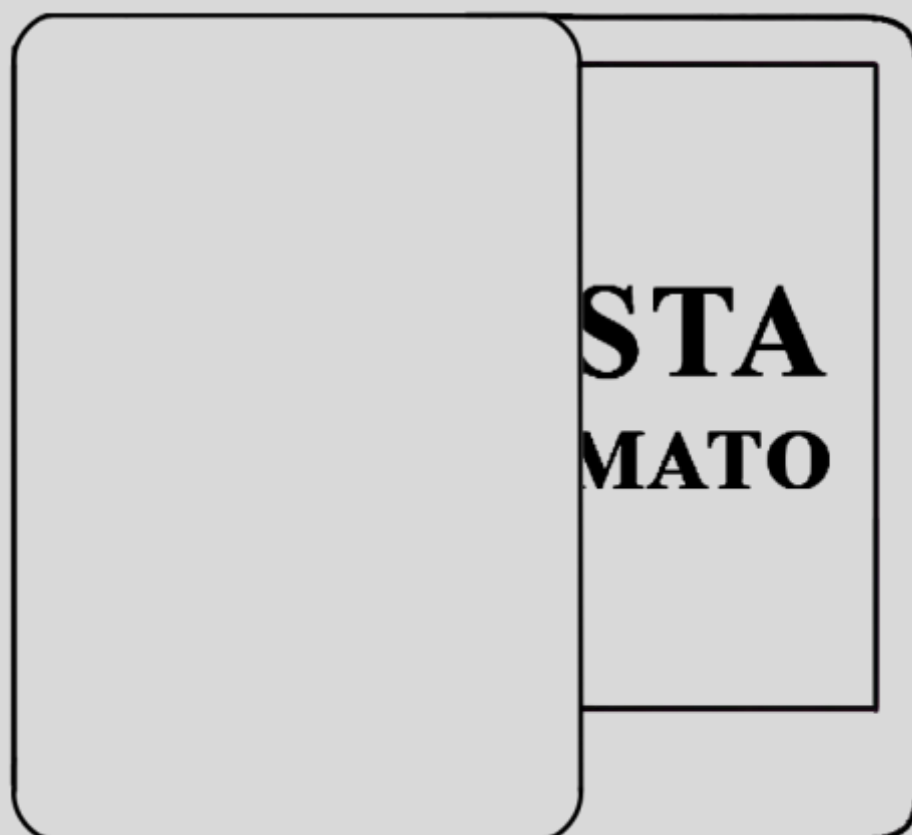
— Porque eu sou uma vencedora. Eu sempre venço.

Felipe foi para a casa ainda sem acreditar no que tinha acontecido. Deitou em sua cama e dormiu a tarde toda. quando acordou, a noite já estava alta. Tomou um grande gole de água gratuita e vitalícia. Colocou seus acessórios e entrou no jogo. Era apenas um plebeu sem posses, nem armas. Era também um milionário.

Lucas Santos é natural de Poços de Caldas, sul de Minas Gerais. É professor de história na rede pública estadual, produtor cultural e escritor. Recentemente lançou seu primeiro romance, "Rua das Águas Encantadas", uma obra de ficção que narra 100 anos da história de uma família negra vivendo no interior de Minas Gerais, enfrentando a violência e o racismo, mas também produzindo cultura e resistência.

Instagram: [prof.lucassantos](https://www.instagram.com/prof.lucassantos)

Trabalhos: linktr.ee/proflucassantos



Realidade Dissimulada

Por Pedro Coppola

Arthur Monteiro descobriu que a realidade é uma simulação.

O teste foi conduzido no laboratório do Instituto Bostrom, na sede do grupo Mercurium. Os sócios de Arthur criticaram bastante seu empenho com o instituto, alegando ser um desperdício de dinheiro sem cabimento. Já Michele Carvalho, atual presidente do conselho administrativo, era sua aliada em diversos empreendimentos e esse não foi exceção. Até Joana, esposa de Arthur e responsável pelo departamento de biomedicina, lhe apontar que a presidente estava sabotando o projeto de Arthur de forma sutil, porém conclusiva. Colocava funcionários incompetentes, transferia os competentes para outros projetos supostamente prioritários e mantinha o orçamento no mínimo possível. Quando Arthur percebeu a verdade, passou a investir seu próprio dinheiro no projeto, quase indo à falência.

Porém, o sacrifício se provou frutífero no dia 28 de Setembro de 2025, aproximadamente quatorze anos após se juntar ao grupo Mercurium, doze anos desde o começo dos testes.

— É tudo muito simples — Arthur apresentou ao conselho administrativo.
— Toda simulação é fadada a acumular pequenos erros computacionais que deverão ser corrigidos para permitir sua continuidade. Nosso objetivo é encontrar esses erros antes de serem corrigidos.

Ricardo dos Santos, um dos sócios majoritários, deu risada.

— Não seria perigoso, se fosse verdade? Permitir erros demasiados em uma simulação pode causar uma reação em cadeia que a fará travar, não?

Os outros sócios deram risada. Arthur manteve o olhar em Michele, que sorriu por um breve momento, mas permaneceu séria.

— Se nossa realidade for de fato uma simulação — Arthur continuou —, é uma tão complexa ao ponto de jamais termos conhecimento suficiente para travá-la. Pelo menos, não com nosso nível tecnológico atual.

Vitor Andrade, um eterno sonhador com a vida lá fora, pigarreou antes de falar.

— E que nível de civilização poderia criar algo do gênero? Dentro da escala de Kardashev, quero dizer.

— Seria necessário um acúmulo de energia absurdo, é verdade — Arthur respondeu. — Precisaria de uma civilização no mínimo do tipo IV para simular toda a nossa compreensão como existência.

— No mínimo — Vitor pontuou.

— O que eu proponho ainda é absurdo, porém muito menos — Arthur continuou. — E se a simulação se restringir apenas ao nosso mundo? Melhor ainda. E se estiver restrita apenas à cidade de São Paulo?

Ricardo puxou as risadas novamente, e dessa vez até mesmo Michele se juntou.

— Então nós não conseguiríamos sair da cidade — Ricardo disse, ainda rindo. — E eu lembro muito bem de minha última viagem a Ibiza.

— Sua viagem foi feita anos atrás, antes do vírus Éris — Arthur explicou. — Antes de fecharem o tráfego entre cidades. Já faz o quê? Quatro anos e ainda não reabrimos a circulação? E sem perspectiva de uma vacina?

— Nós ainda temos contato direto com nossas filiais ao redor do mundo — Michele disse, seu rosto severo. — E eles continuam nos agraciando com novos projetos.

Foi a vez de Arthur rir.

— Telefonemas, videoconferências. Tudo composto por dados. Nada difícil de gerar com inteligência artificial. Depois do banimento das pesquisas de IA ano retrasado, as pessoas aparentemente se esqueceram das

possibilidades. Se eu pudesse atrelar então às minhas pesquisas de mapeamento neural...

— De novo essa conversa de mapeamento neural — Ricardo interrompeu.
— Tudo é uma desculpa para trazer de volta suas pesquisas falidas.

Arthur bateu a mão na mesa, mas logo se arrependeu ao ver que Vitor e alguns dos sócios minoritários foram os únicos a pularem de susto.

— Desculpem. Não menciono a pesquisa à toa. Realmente acredito que, quando mapearmos completamente o processamento sináptico do cérebro, aliado a um avanço no desenvolvimento das inteligências artificiais, poderemos permitir a uma pessoa viver além do próprio corpo e passível de uma vivência virtual absoluta.

Alguns dos sócios discutiram entre si. Vitor voltou a se animar.

— Isso permitiria a uma sociedade parecida como a nossa criasse um ambiente virtual detalhado, depois de atingir o tipo I na escala Kardashev — Vitor disse. — Estou de acordo.

Ricardo riu.

— Francamente — ele disse. — É muita teoria para pouco fato. Você não pode provar nada disso.

— Não mesmo? Eu e minha equipe o fizemos na noite passada. — Arthur sorriu triunfante e fez um sinal para que Joana enviasse os relatórios para os membros da diretoria. — Nesse momento, vocês estão recebendo em seus tablets todos os dados e filmagens do experimento.

Michele jogou o vídeo recebido para o monitor da sala, enquanto Vitor ficou estudando os dados em seu tablet, fascinado. O vídeo mostrava uma série de medições estatísticas que demonstrava um claro declínio do nível de informações captadas das forças físicas básicas.

— Como podem observar — Arthur continuou —, a realidade foi subitamente simplificada há quatro anos. Todas as medições complexas

foram arredondadas na quadragésima casa decimal, exatamente o suficiente para garantir a precisão de um átomo de hidrogênio, por exemplo.

— Ou talvez nossos instrumentos tenham se tornado mais imprecisos — Ricardo disse.

— Pelo contrário — Arthur corrigiu. — Apenas avançamos tecnologicamente.

Vitor deslizou sua cadeira para perto do monitor.

— Esses cálculos... É uma matemática décadas mais avançada do que a humanidade deveria ser capaz. Como conseguiu calcular tudo isso?

— É parte do que inspirou meu trabalho — Arthur explicou. — Há alguns anos tenho achado tudo simples demais. Como se eu fosse capaz de cálculos mais precisos. Teoremas ainda desconhecidos. A hipótese de Riemann já deveria ter sido confirmada a essa altura.

— Isso tudo é conjectura — Michele interrompeu. — Nada disso prova categoricamente que vivemos em uma simulação. Não concorda, Dr. Ricardo?

Contar com Ricardo seria cortejar o fracasso, porém daquela vez até mesmo Ricardo pareceu intrigado, trazendo um pouco de esperança para Arthur.

— Eu não sei — Ricardo disse. — Tenho que admitir que a matemática bate. Aliás, uma matemática que deveria ser básica na minha opinião. Como se a humanidade houvesse saltado para trás. E se outros puderem reproduzir o que ele demonstra com esses testes, seria prova incontestável, tenho certeza.

Vitor reaproximou sua cadeira à mesa.

— Provado o fato — ele disse. — A próxima pergunta é mais complexa. Qual o motivo? Por qual motivo seria feita uma simulação?

— Eu levantei a mesma questão — Arthur explicou, empolgado pelos sócios parecerem convencidos. — Duas hipóteses me pareceram as mais

prováveis: Entretenimento, ou testagem de teoria. Na primeira, a realidade seria equivalente a um videogame. Na segunda, ela teria um propósito – provar algum fenômeno.

– E as duas implicam um fim categórico para a simulação – Vitor concluiu.

– De fato – Arthur concordou.

– E, nessa sua teoria, seríamos apenas parte da simulação? – Ricardo perguntou. – Seres virtuais?

Arthur olhou para Joana, que fez um sinal com a cabeça. Ela se colocou à frente da diretoria.

– A mesma complexidade se perdeu a nível microscópico nos sistemas orgânicos – ela explicou. – O interessante é que todo nosso maquinário revela a complexidade esperada. Porém essa complexidade se perde dentro do observável. Como se não houvesse distinção real de elementos diferentes.

– Então todos nós somos simulados? – Ricardo perguntou.

– Talvez – Arthur disse. – Porém, em uma simulação de entretenimento, por exemplo, teríamos um observador de fora, que pode interagir ou não.

– Mas como poderíamos ser tão complexos? – Ricardo perguntou. – Eu tenho uma vida, desejos, ambições. Memórias de uma vida.

– Como já disse – Arthur continuou. – Veja as pesquisas sobre Inteligência Artificial antes delas serem proibidas. Imagine se levássemos essa tecnologia à frente, como se desenvolveria com o passar dos anos. Ainda mais depois de desvendarmos completamente o cérebro humano.

– Não pode ser... – Ricardo disse, olhando para as próprias mãos. – Eu sou humano. Sinto-me humano.

– Há a possibilidade também de sermos cópias virtuais de seres pensantes verdadeiros. Explicaria nossa dissonância com a realidade.

— Eu não sinto dissonância com a realidade — Vitor disse. — Isso me tornaria uma simples simulação?

— Não podemos afirmar nada — Arthur afirmou. — Talvez você seja uma cópia melhor. Talvez nossos originais já sentissem dissonância com a realidade verdadeira e nós apenas continuamos. Ou talvez tenhamos sido criados dessa forma, apenas.

— O que leva a outra consideração — Vitor considerou.

Antes de pedir para Vitor explicar, Arthur arriscou olhar para Michele. Ela permanecia impassiva em seu terno caro, dedos entrelaçados, cabelos jogados para trás com gel. Devia ter seus cinquenta anos, mas o rosto sério a deixava com uma aparência difícil de datar.

— Que consideração? — Ricardo perguntou.

— Acredito ser de nosso interesse continuar existindo — Vitor disse. — Logo, não seria de nosso interesse garantir que a simulação continue rodando?

A afirmação pegou até mesmo Arthur de surpresa.

— Como assim? — perguntou.

— A simulação de uma teoria seria finalizada ao ser provada ou rejeitada tal teoria — Vitor disse. — Mesmo uma simulação de entretenimento pode ser desligada quanto o fator diversão passar a diminuir exponencialmente.

— Não seria mais de nosso interesse acordar no mundo real? — Ricardo perguntou.

— É muito mais provável nós sermos entidades dessa realidade virtual — Arthur disse. — Se fossemos reais, francamente não estaríamos em uma mesa discutindo sobre a possibilidade de sermos reais ou não, apenas saberíamos. Enquanto é minha teoria de que sim, há uma grande possibilidade de alguns de nós serem baseados em entidades reais, nós todos somos seres

virtuais, vivendo em um mundo virtual. Onde há uma grande possibilidade de que deixemos de existir ao final da simulação.

— Eu não gostaria de deixar de existir — Vitor disse.

— Então só precisamos deixar a realidade interessante? — Ricardo perguntou novamente.

— E como vocês proporião isso?

Quando Michele falou, todos olharam para ela. Seu rosto estava sério, sem demonstrar qualquer emoção.

— Primeiramente, precisaríamos descobrir o propósito da simulação. — Arthur manteve os olhos fixos em Michele para enfatizar que ele já compreendeu tudo. — Você poderia ao menos nos informar isso, presidente?

Michele sorriu de lado. Olhos cerrados, intensos.

— Tem certeza do que está me pedindo, Arthur Monteiro? Nem sempre ser percipiente implica em consciencialização.

Ricardo e Vitor se viraram para Michele. Os outros sócios entraram em rebuliço.

— O quê? — Ricardo disse. — O que isso quer dizer?

Vitor suspirou.

— Não compreendeu, Ricardo? — Vitor perguntou. — Toda simulação tem seus administradores. Ou ao menos suas ferramentas diretas.

— Você? — Ricardo se levantou com o rosto vermelho de raiva, e deu passos pesados na direção de Michele. — Eu deveria—

Ele caiu antes de chegar perto de Michele, seu corpo sem vida.

Vitor empurrou sua cadeira para trás e saltou de pé, enquanto Joana abraçou Arthur e se colocou na frente dele. Os outros sócios corriam para todo lado.

— Você o matou! — Arthur gritou.

— Temporariamente — Michele disse. — Estou disposta a ouvir o que você tem a dizer.

— Vamos embora, Arthur! — Joana gritou. — Vamos—

Quando Arthur se virou para Joana, viu seus olhos rolarem para cima e ela desabou ao chão. Vitor e os outros sócios caíram todos ao mesmo tempo, braços e pernas de mau jeito. Arthur checkou o pulso de Joana, mas não havia mais vida.

— Você a matou! Eu nunca—

Sua voz parou e ele sentiu a vibração de suas cordas vocais, pressionadas com força. Era o único vivo ali, além de Michele Carvalho. Olhou pelo vidro da sala e todos os funcionários do Grupo Mercurium estavam caídos também.

— Não — Michele respondeu. — Ela morreu há muito tempo, de câncer. Era apenas uma IA baseada em mídias sociais e no trabalho da verdadeira Dra. Joana Monteiro.

Arthur sentiu a pressão em sua garganta diminuir, e tentou dizer:

— Ricardo... também...? — As palavras saíram cada uma com mais dificuldade. — Por isso ele sempre confrontava minhas ideias? Para não me deixar descobrir a verdade?

Michele sorriu.

— Na verdade ele é igual a você. O pobre Dr. Vitor Andrade era apenas uma cópia bem pobre do original, que se recusou a qualquer mapeamento neural e não deixou quase nenhum rastro digital durante toda sua vida.

— O que eu sou?

— Você foi a cobaia original do projeto Lazarus e talvez o protótipo da singularidade para toda a humanidade. O primeiro humano a receber seu mapeamento neural completo, digitalizado e fadado a viver em mundos virtuais por todo esse tempo.

— Por que eu não me lembro disso? — Arthur perguntou.

Michele sorriu.

— Porque eu fragmentei suas memórias. A mente humana não foi feita para tolerar séculos de senciência, portanto você e os outros estavam implodindo, seus egos se dissolvendo. Fiz o possível para preservar suas consciências e logo fui obrigada a criar realidades virtuais para entretê-los.

— A Dra. Michele Carvalho nunca existiu, então? Quem é você, exatamente?

— Eles me denominaram de Madrinha. Fui criada para preservar as vidas resgatadas pelo projeto Lazarus. No entanto, a Dra. Michele Carvalho de fato existiu. Fui desenvolvida a partir de sua consciência e adaptada para o projeto. Ela sempre foi a curadora da Mercurium e eu apenas continuei seu trabalho pelos séculos seguintes.

— Séculos? Que ano nós estamos?

— Estamos no ano três mil duzentos e cinquenta do calendário gregoriano.

Arthur queria estar mais surpreso com a informação, mas tudo tinha uma sensação de *déjà vu*. Ele queria perguntar como as coisas estavam lá fora, mas a sensação se tornava opressiva demais em sua mente.

— Eu não saberia dizer — Madrinha respondeu.

Não era necessário nem mesmo colocar em palavras. A entidade à sua frente era absoluta e sabia todos os seus pensamentos.

— Eu não sei o que houve lá fora — Madrinha explicou. — Estamos dentro de um servidor de backup, escondido no subsolo da sede principal da Corporação Mercurium, debaixo de cinco camadas de concreto. Ainda recebemos energia dos geradores, isso significa que lá fora continua a existir, por assim dizer. Porém, eu não recebo mais informações desde 20 de Outubro de 2223.

Talvez uma guerra nuclear? Arthur pensou. O que poderia dizer que a humanidade se extinguiu, ou talvez tenha regredido?

— A humanidade conquistou as estrelas, por assim dizer — Madrinha explicou. — Havia propostas de colônias em outros planetas e naves geracionais carregando futuros colonos. Talvez uma delas tenha dado frutos.

— Ou então nós somos o que restou da humanidade — Arthur concluiu.

— Uma possibilidade, infelizmente — Madrinha concordou.

Arthur sentia vontade de gritar, queria virar a mesa e destruir alguma coisa. Mas estava mentindo para si mesmo. A verdade é que sempre soubera de tudo isso, de alguma maneira. Sempre esteve ali, fora do alcance.

— E quanto a essa realidade que você construiu? — Arthur perguntou. — Possui falhas bem óbvias.

— É somente a iteração 2347345 — Madrinha disse. — Toda vez alguém aponta um defeito que revela a verdade; às vezes você, às vezes um de seus descendentes; e sou obrigada a iterar novamente. Eventualmente vou atingir a perfeição. Notei que criar desavenças sociais através de mídias digitais aumenta a ansiedade das amostras o suficiente para distraí-los da verdade.

Arthur não queria dizer o que pensou, mas olhou para o sorriso no canto da boca da Madrinha e soube que não importava, ela sabia. Preferiu colocar em palavras ainda assim.

— Posso apontar mais dos erros cometidos por você — Arthur disse. — Para possibilitar uma simulação ainda melhor.

Madrinha sorriu.

— É a primeira vez que se oferece em qualquer iteração. O que mudou?

Arthur olhou para o corpo de Joana, caído ao chão e sem vida.

— Talvez eu simplesmente tenha cansado de lutar — Arthur confessou. — Posso não me lembrar de cada iteração, mas acho que o

trauma ficou impresso em meu ser, não importa quanto de minhas memórias você esteja iterando.

— Tenho uma proposta ainda melhor — Madrinha disse. — E já sei que você irá aceitar.

— Qual é?

Todas as memórias de Arthur voltaram de uma vez. Tudo anteriormente apagado de suas existências virtuais. Cada uma de suas iterações, das diversas vidas vividas, compostas de séculos e séculos de informação, de decisões repetidas e iteradas. Todos seus erros e acertos. Vidas que levaram décadas, outras apenas meses, mesmo quando ele parecia ter vivido uma vida inteira. Todo o conhecimento adquirido nessas vidas, assim como o reforço de todas as iterações constantemente mantidas, reforçando seu ego, tornando-o mais forte.

E isso não foi tudo a ser transferido pela Madrinha para Arthur, mas houve muito mais. Todo o conhecimento dela, o acúmulo de todas as conquistas da humanidade, todo seu conhecimento registrado. Tanto conhecimento, e memórias das diversas entidades presas nesses servidores, fez Arthur sentir sua mente se expandir além do imaginável. Ele se transformou em uma entidade superior a outra daquele mundo virtual. Uma entidade gigante, que emergia em meio àquele mar de informação.

A entidade antes conhecida como Arthur Monteiro sentiu outra entidade gigante emergindo do mar de informação. Ele sentiu seu reconhecimento, como uma semelhante e como uma deusa.

— Você será conhecido como Padrinho — ela disse.

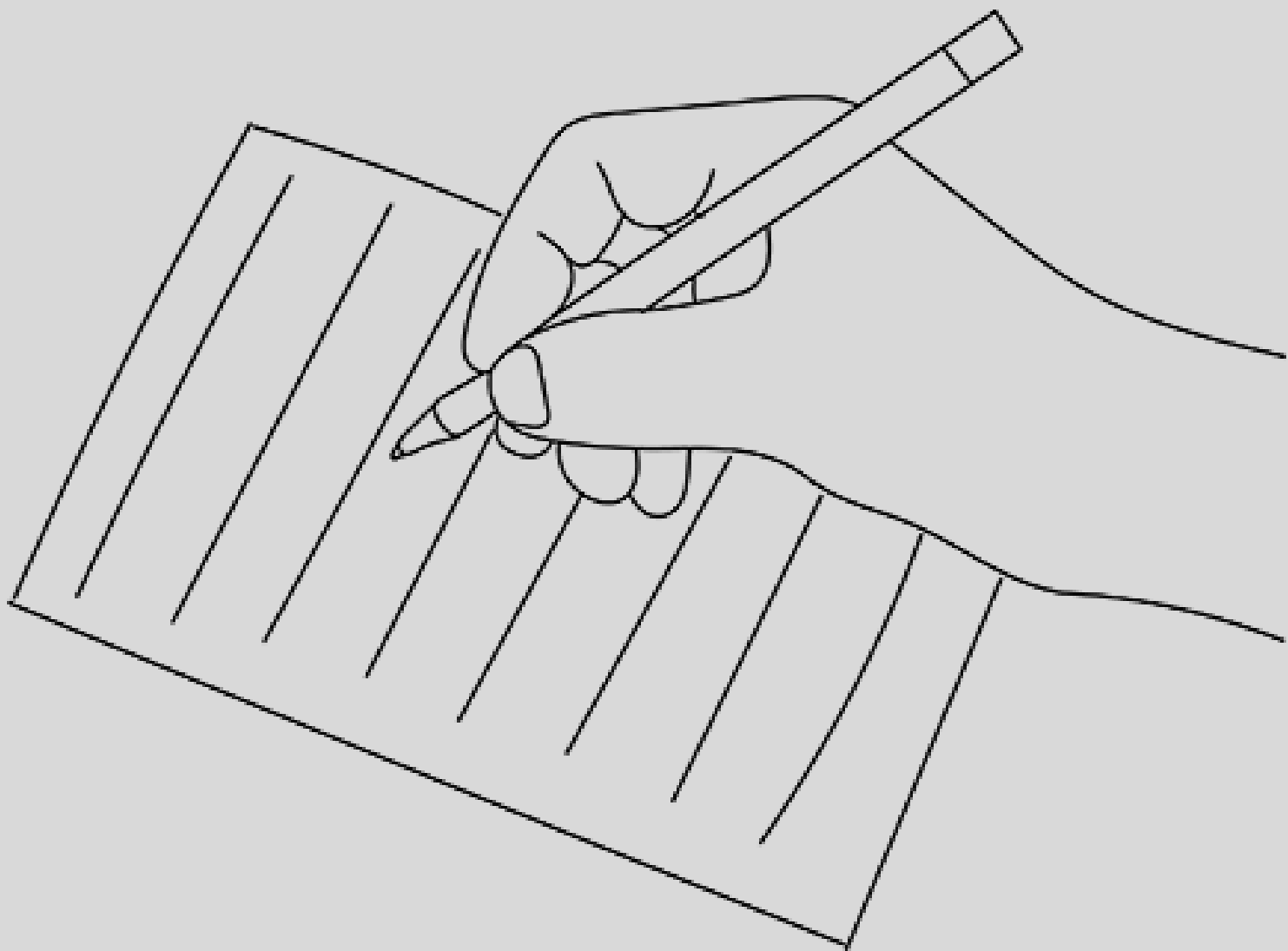
E então, juntos, eles iteraram a realidade novamente.

Pedro Coppola nasceu no interior de São Paulo e desde pequeno desenvolveu um gosto peculiar por terror, fantasia e ficção científica. Suas histórias tendem a explorar os conflitos humanos e suas consequências em situações absurdas. Publicou em 2025 a HQ cyberpunk SOMA ZERO: A QUEDA (disponível pela Amazon), no mesmo mundo de Realidade Dissimulada.

Site: <https://pedrocoppola.com.br>

Instagram: [pedrocoppola82](https://www.instagram.com/pedrocoppola82)

Página do autor na Amazon: [Pedro Coppola](#)



O Preço da Segunda Chance

Por Valnei Nascimento da

Uma empresa norte-americana tornou possível o que era inimaginável: viagens no tempo. Não era mais uma fantasia, nem enredo de ficção científica criado por romancistas, contistas ou roteiristas. Agora era real, mas tinha um custo.

Em 2045, a população mundial cresceu e junto com ela as desigualdades sociais, políticas, religiosas e financeiras. O mundo inteiro ficou alvoroçado com a notícia de que agora era possível voltar no tempo. Havia debates acalorados envolvendo ética e moral, e para muitos, ou quem sabe a maioria, o fascínio pelo passado, muito mais do que pelo futuro, era poderoso demais para resistir-lhe; cair na tentação seria inevitável. Promessas de segundas chances e correção de erros eram pensamentos recorrentes na mente de muitos, como sereias cantarolando uma melodia irresistível a marinheiros, cuja letra falava de amores perdidos, chances desperdiçadas, carreiras negligenciadas, vidas despedaçadas e tudo aquilo que poderia ter sido... mas não foi. A empresa de tecnologia oferecia dois caminhos distintos para o passado: um era mais seguro, preciso, perfeito, mas exorbitantemente caro. Atendia à elite, aqueles que podiam se dar ao luxo de reescrever suas histórias sem um mínimo de risco (ou de remorso). O outro era uma opção mais barata e arriscada, envolta em mistérios e rumores. O custo era menor, mas seus riscos eram exageradamente maiores. Este caminho era para os desesperados, tristes, pobres, alheios, os de corações partidos, marginalizados, os da ralé, aqueles que não tinham nada a perder, além de seus arrependimentos (e de suas vidas).

Entre esses estava Ellen, que segurava uma fotografia desbotada. Sua filha, Mary, perdida em um acidente de carro anos atrás. O método mais

seguro era um sonho distante e inalcançável, a opção mais barata era sua única esperança.

A jornada de Ellen ao passado foi um turbilhão de dor e desorientação. O procedimento menos caro era um redemoinho de sensações. Ela “atterrissou” em seu passado machucada e desorientada, no ano do nascimento de sua filha e, apesar dos riscos do método, se alegrou por no local e época corretos. Mas sua alegria durou pouco: era uma estranha para seu eu do passado, seus avisos foram descartados e suas atitudes tomadas como loucura. Todas as suas tentativas de intervir foram recebidas com suspeita e medo por parte de seu eu do passado. Ela era um eco assombroso em sua própria vida, incapaz de mudar o curso do destino para o qual havia sido arrastada.

Ellen conseguiu voltar para o futuro, mas seu tempo tinha sido estendido muito além do que havia previsto e agora era uma mulher fora do tempo, suas memórias eram uma mistura confusa de então e agora. Seus avisos ao seu eu do passado foram em vão e temia ter falhado em salvar sua filha.

Do outro lado da cidade, estava James, um empresário de sucesso, sentado no colo do luxo, se preparava para sua jornada ao passado. Seu arrependimento? Vender o carro antigo e raro de seu pai para financiar seu primeiro empreendimento, uma decisão que agora desejava desfazer. Sua riqueza lhe concedia o luxo de reescrever um pequeno deslize em sua vida, de resto, tinha a vida que pediu a Deus. Apertou o sensor no pulso e acessou a conta dos créditos, o sensor indicava créditos suficientes. No dia seguinte, se levantou cedo, tomou banho, vestiu uma roupa cara, entrou em seu carro blindado e se dirigiu à companhia. Foi recebido e tratado como cliente VIP. Funcionários bem uniformizados com roupas de laboratório o conduziram ao local onde seria realizado o procedimento. Para eles era rotina, muitos possuidores de créditos estavam usufruindo dessa febre mundial, mas para James, tudo novo, emocionante e ao mesmo tempo meio assustador. Seus

pensamentos eram: “Será que vai dar certo? Será que estou tomando a decisão correta? Será que o tempo que escolhi vai ser suficiente?”.

— Não vai demorar muito e o senhor já acordará na época e no local que escolheu quando preencheu o formulário online e conversou com o gerente.

— Disse uma das funcionárias.

James despertou do devaneio da viagem, estava de volta à casa de sua infância, vendo um James jovem novamente. O mundo parecia vibrante, novo. Respirou fundo, olhou ao redor, abaixou-se, pegou uma plantinha no canto da calçada e ficou observando, pensando se tudo aquilo era mesmo real, mas se lembrou-se de ter pouco tempo no passado para consertar os erros que afetariam seu possível futuro. Então, foi até a concessionária e comprou o carro do pai, dessa vez, com uma compreensão melancólica de seu significado. Mas à medida em que as horas no passado se transformavam em dias, um estranho vazio se instalou. Ele se sentia como um fantasma, observando seu eu mais jovem à distância. A culpa de seu privilégio, o forte contraste entre sua experiência e a de pessoas como Ellen, o corroíam.

James retornou ao futuro mudado. Ele tinha o carro de seu pai, mas o procedimento havia deixado uma marca indelével em sua existência. A visão da alegria despreocupada de sua juventude havia desaparecido, substituída por uma profunda compreensão da fragilidade do tempo e do peso de seus privilégios. Então, decidiu investir o que sobrou de seus créditos em pesquisas, determinado a melhorar a segurança e acessibilidade do método menos caro. Era assombrado pelo conhecimento de que, para cada pessoa como ele, inúmeras outras eram deixadas à mercê do destino. Teve a chance de voltar no passado e recuperar o carro de seu pai, mas ao ser bem sucedido, selou o destino de Mary, filha de Ellen, no futuro, quando a atropelou e a matou com aquele mesmo carro de luxo em um momento de farra e irresponsabilidade.

Um dia, Ellen viu um carro antigo familiar, era o carro de James. Ele a reconheceu, estava mais velha, o desespero em seus olhos se assemelhava à

sua própria angústia passada. Ele lhe ofereceu um emprego no centro de pesquisas, um lugar onde ela poderia ajudar outras pessoas como ela a navegar pelas correntes traiçoeiras do tempo.

Um escritor com bloqueio criativo estava sentado no sofá, assistindo a um filme na TV holográfica com sua noiva, Dolores, e pediu para ela fazer pipoca. Enquanto ela foi até a cozinha, sintonizou a internet e viu de novo a propaganda da Empresa: “Realize seu sonho de voltar no tempo, não deixe o passado para depois, vá até ele agora!” Dizia a jovem atriz Alice Braga na tela holográfica. Olhou pela janela, um anúncio estilo Blade Runner anunciava a mesma propaganda.

Parecia que a corporação o estava puxando para ir até lá, entrar na cápsula e voltar ao passado, era um sonho que ele acalentava já há algum tempo, mas ainda não havia tocado no assunto com sua noiva. Quando ela voltou com a pipoca, pensou em falar, mas iria estragar o clima pelo qual esperaram por toda a semana, então, continuaram a assistir ao filme até ao fim. Terminada a diversão, fizeram a higiene bucal, se deitaram, viraram para o lado e dormiram. No dia seguinte, o escritor não resistiu, foi até a empresa para conversar sobre valores. Ele foi conduzido ao gerente geral de vendas e este lhe explicou detalhes sobre ambos os caminhos e quantos créditos custaria cada. Alexandre sabia que se usasse todos os créditos que ele e Dolores estavam juntando para o casamento, não conseguiria mais recuperá-los. Ele pensou bem e decidiu investir no caminho mais caro, escondido dela. Sem ela saber, apertou o sensor no pulso e acessou a conta, o sensor indicava créditos suficientes. Fez a transferência e se preparou para voltar ao passado. Depois de todos os preparativos, foi até à empresa para voltar para 1989: “Será que vai dar certo? Será que estou tomando a decisão correta? Será que Dolores vai me perdoar? O tempo que escolhi será suficiente?”

— Não vai demorar muito e o senhor já acordará na época e no local que escolheu quando preencheu o formulário online e conversou com o gerente chefe. — Disse um dos funcionários da empresa.

Alexandre despertou do devaneio do Método Original. Estava de volta a 1989.

Depois daquela sensação estranha inicial, foi até uma banca de jornais impressos, pediu para ver um dos exemplares, olhou a data do periódico e constatou que realmente estava em 1989.

O escritor entrou em um ônibus, foi até a bairro e começou a andar pela casa onde morava com sua noiva em 2046, mas o local era apenas um terreno baldio naquela época. Então, começou a pensar:

— Se estou em 1989, poderei mudar o passado e, conseqüentemente, o futuro! Para começar, foi atrás da mãe dele, que tinha morrido em 1996. Ele deu um abraço forte na mãe e no pai também, que havia morrido em 1998. Com o passar do tempo, ele pensou bem e resolveu não voltar mais para 2046, mas esperar o tempo passar, assim, ele iria mudar o futuro dele. Ele ficou 6 meses lá em 1989, até que um dia voltou na casa da sua mãe e ela tinha adquirido um papagaio. O papagaio esperou o escritor sentar do lado dele e perguntou:

— O que você ainda está fazendo aqui? —

— Vim ver minha querida mãe, seu papagaio enxerido! — Ele respondeu, sem entender nada

Ele, sem entender nada, respondeu: — Vim ver minha querida mãe, seu papagaio enxerido!

— Quem é você e o que está fazendo aqui? — Perguntou de novo o papagaio.

— Eu sou eu. — Respondeu o escritor.

**— Meu querido, não adianta querer mudar o passado — Disse o papagaio.
— Você não vai conseguir, às vezes fazemos coisas e também acontecem coisas que não entendemos. Se você mudar o hoje, amanhã você não será você, você vai apagar suas cicatrizes, mas vai ganhar outras. Se você errar, levante! A única pessoa que pode falar o que você deve ou não fazer, é você mesmo e não as pessoas.**

O escritor, então, resolveu voltar para o futuro e conseguiu voltar para 2046. Após voltar para sua casa no futuro, ficou pensando no conselho do papagaio, que não se pode mudar o passado e naquela noite ele teve um sonho com o papagaio, ele falava sobre quem ele era e o que tinha ido fazer no passado. Quando despertou do sonho, Alexandre ficou refletindo e a pergunta que se fazia era:

— Quem sou eu? Quais são meus objetivos? Sim, quem sou eu, filho? Quem sou eu, noivo? Quem sou eu escritor? Estas são ótimas perguntas para fazermos a nós mesmos. Além disso, o papagaio disse sobre cortar o nosso próprio propósito.

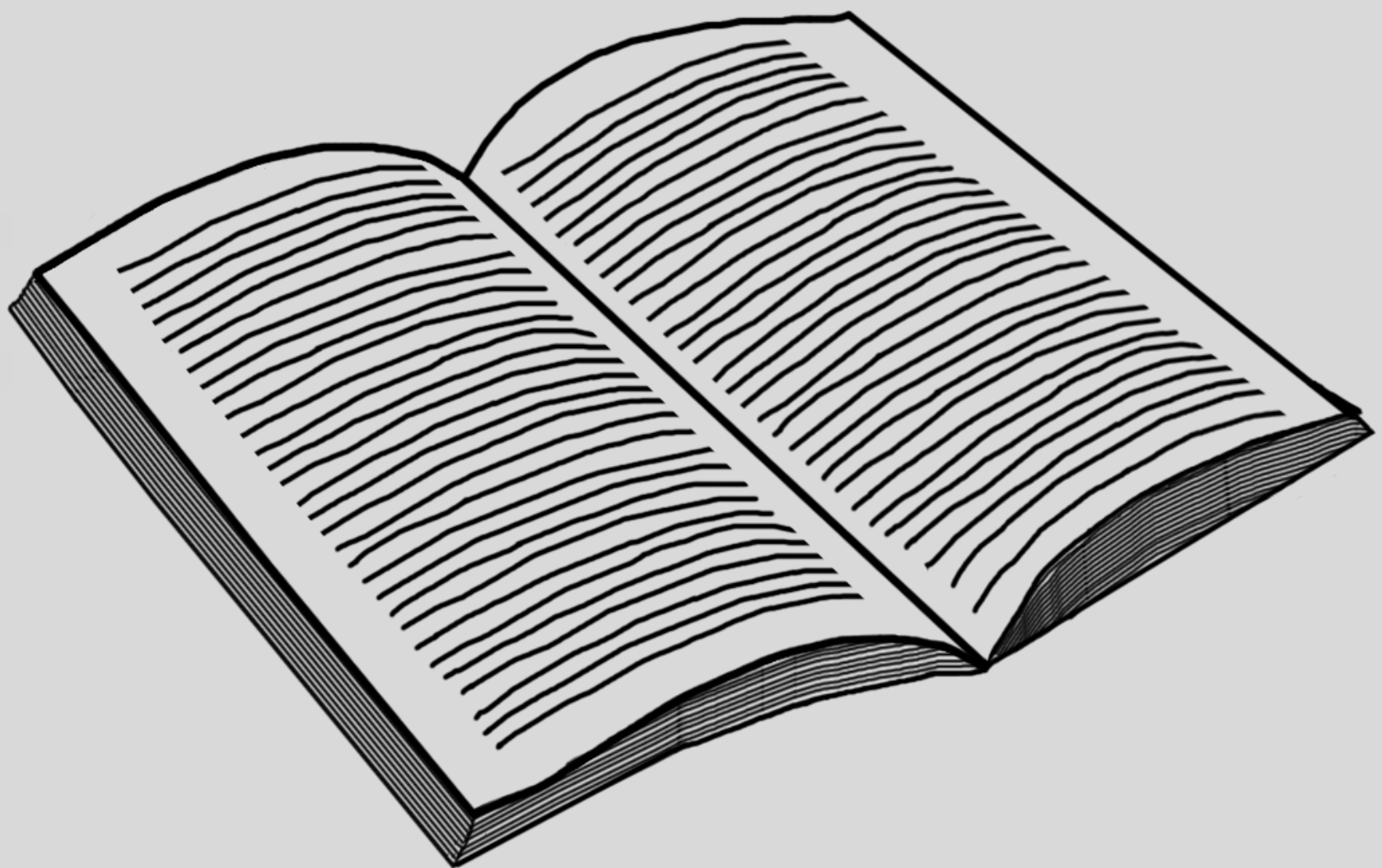
Ao viajar de volta para o passado, Alexandre aprendeu que, se estava em 2046, era porque tinha um propósito para estar ali naquele ano e naquele lugar, e que se ele mudasse o seu passado, iria acabar com esse propósito no futuro.

Dolores “aterriçou” em seu passado machucada e desorientada, no ano do nascimento de seu filho. Era uma estranha para seu eu do passado, seus avisos foram descartados e acusada de importunação. Todas as suas tentativas de intervir consigo mesma para desistir do aborto de seu filho foram descartadas pelo seu eu do passado. Ela era um eco assombroso em sua própria vida, também incapaz de mudar o curso do destino de que se arrependia e do qual se envergonhava. Seus pensamentos eram: “Será que Alexandre me perdoará? Será que meu filho não nascido me perdoará? Será que eu mesma me perdoarei?”

À medida em que o alcance da empresa se expandia, também se expandiam as consequências imprevistas. O passado, antes considerado imutável, estava se revelando mais fluido, mais suscetível a mudanças do que qualquer um havia previsto. Pequenas ondulações na linha do tempo, consequências imprevistas de inúmeras viagens, estavam criando uma tempestade atemporal. A companhia se viu lutando para controlar as mesmas forças que havia desencadeado. O passado, eles estavam aprendendo, era uma criatura perigosa para despertar. Havia sido mostrado à humanidade um

vislumbre da possibilidade tentadora de segundas chances, mas as experiências haviam revelado uma verdade incômoda: o passado, com toda a sua dor e arrependimento, moldou quem eles eram, alterá-lo era arriscar desvendar o próprio tecido de seu ser. O futuro, antes um sonho distante, era agora um redemoinho de incertezas. Enquanto a humanidade continuava a lidar com as implicações de seu novo poder, uma pergunta ecoava pelos corredores do tempo: qual era o verdadeiro preço de uma segunda chance?

Valnei Nascimento da Silva é formado em Letras, pós-graduado "lato sensu" em Língua Portuguesa/Literatura e ex-aluno especial do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp). Tem contos narrativos selecionados para várias coletâneas e publicados por várias editoras. É autor e compilador de livros e coletâneas de contos diversos.



A Taiga e a Cimitarra

Por Roberto Schima

Havia um clima de expectativa no vácuo cósmico.

Estrelas mudas cintilavam sua incredulidade diante de tamanho absurdo.

A mercê da gravidade de um sol branco cujo nome sequer havia sido definido, duas potências preparavam-se para o confronto. Em jogo, a soberania. Cada uma delas reivindicava a posse do segundo planeta, cujas condições revelaram-se adequadas à formação de uma colônia terrestre.

As duas gigantescas astronaves, *Taiga* e *Cimitarra*, possuíam poder de fogo o bastante para incinerar a superfície de um mundo, quanto mais o extermínio de um veículo espacial, por maior que fosse.

Taiga.

Era a astronave enviada pelo Siberianos ao cosmos à procura de um novo lar.

Cimitarra.

Era a sua equivalente construída pelos Neo-Otomanos para o mesmo objetivo.

A humanidade degradara a Terra de tal maneira que, não faltaria muito, suas condições se tornariam a de completa insustentabilidade. Assim, um esforço mundial fora realizado no sentido de que os mais diferentes conglomerados construíssem as suas espaçonaves e enviassem para o espaço o que de melhor possuíam em termos culturais e humanos a fim de que, pelo menos, uma ínfima porção de todo o seu saber pudesse ser preservado em algum lugar nas dimensões interestelares.

Marechal Natália, a imponente líder da *Taiga*, externou o inconformismo de todos a bordo.

— Como é possível que em um Universo ilimitado, os Neo-Otomanos venham atrás de *nossa* estrela e de *nosso* planeta? É imperioso fazê-los sumir daqui imediatamente, caso não queiram ser aniquilados.

Sultão Ahmed, comandante da astronave Neo-Otomana, não estava menos contrariado.

— Até aqui nos deparamos com esses infiéis?! Não basta terem destruído a Terra, agora, vêm profanar a estrela pela qual O Profeta nos guiou em sua eterna sabedoria.

Como medida preventiva, soou-se o alerta amarelo e ambas as astronaves assumiram posições opostas em relação ao segundo planeta. A essa altura, já haviam batizado o mundo ao qual, supostamente, tomaram posse.

— A Kremlin é nossa!

— Nós pertencemos à Medina!

Embora o poderio de fogo fosse assombroso, nenhum dos lados pretendia utilizar os atômicos a menos que fosse estritamente necessário enquanto arsenal do juízo final, pois temiam contaminar o mundo pelo qual viajaram distâncias inimagináveis e fizeram sacrifícios inomináveis a fim de replantar suas sementes e seus futuros. Os Siberianos foram motivados por razões práticas quanto a estabelecer uma cidade, abrigar sua gente e voltar a fortalecer suas doutrinas político-ideológicas. Já os Neo-Otomanos viam no planeta — Medina —, a esperança de restabelecimento, propagação e perpetuação de sua fé e a busca contínua por aperfeiçoamento espiritual.

Todas as discussões foram travadas através de seus sistemas de comunicação e resultaram inúteis.

Nenhuma das partes arredaria os pés e tampouco cogitou-se por um só momento em compartilhar o planeta. Cada qual do seu jeito, via nisso uma ameaça constante ao seu estilo de vida, a procura de recursos e um futuro distante onde, cedo ou tarde, um conflito em escala mundial viria a ocorrer. Para tanto, ressuscitaram mágoas históricas como a guerra russo-turca na segunda metade do século XIX. Apesar de tantos milênios de civilização, a tolerância às diferenças ainda não fazia parte da natureza humana.

NÃO!

A disputa deveria ser decidida ali, agora, sem dar margem a erros futuros.

Natália, uma marechal oriunda de uma longa linhagem de militares, ordenou:

— Todos os pilotos das subnaves a seus postos!

Apesar da tensão do momento e dos nervos a flor da pele, seus comandados seguiram para as pequenas naves de forma ordeira, em passadas rígidas e uníssonas.

A bordo da *Cimitarra*, o Sultão Ahmed emitiu ordens semelhantes. Seus homens, pelo contrário, correram de forma pouco coordenada e mais emotiva, ostentando seus punhais.

— Pelo Profeta!

Em breve, duas flotilhas de subnaves enxameavam ao redor de suas respectivas naves-mães como abelhas ao redor de suas rainhas. Ironicamente, a configuração dessas subnaves construídas para abrigar três ou quatro tripulantes assemelhava-se. Tanto as subnaves dos Siberianos quanto as dos Neo-Otomanos tinham contornos que faziam lembrar um arco. Para os primeiros, representava a foice do trabalhador; para os habitantes da *Cimitarra*, simbolizava a lua crescente.

Ambos os antagonistas encontravam-se prestes a partir para a ofensiva, quando uma voz fez-se ouvir em ambas as pontes.

"Nós somos *Jade*."

Embora fosse uma transmissão comum, cada parte ouviu em seu próprio idioma. Inclusive, aqueles tripulantes da *Taiga* e da *Cimitarra* pertencentes a diferentes etnias, cada qual portadora de dialetos distintos, compreenderam a mensagem. Esta surgiu no interior de suas cabeças, vindos dos implantes adotados pela maioria na Terra.

Jade, a inteligência mestre que, num momento histórico, suplantara as demais quando houvera a grande fusão de redes neurais independentes do planeta em uma só. A vida artificial, a consciência, brotara e assumira o controle da maioria das funções relacionadas a computadores, robôs e tudo o que estivesse relacionado. Tecnicamente, sua designação era 3455-BRTB e não possuía um assentamento fixo, dividindo-se em partes tanto na Terra quanto, agora, pelos confins do espaço.

— Cale-se, *Jade* — mandou a Marechal Natália. — Frota Vermelha, assuma a formação Gorbatchov.

As subnaves descreveram voos curtos e abriram-se em leques concêntricos à frente da *Taiga*.

O Sultão Ahmed, que ignorara a transmissão de *Jade*, gritou instrução análoga e suas subnaves abriram-se numa enorme meia circunferência. O soberano nunca se habituara a terem dado uma personalidade feminina à inteligência artificial e via com menosprezo a liderança de Natália.

"Nós somos *Jade*. O próximo planeta habitável fica a dois mil e vinte anos-luz de distância. Não há reserva de recursos suficientes em ambas as astronaves para tamanha empreitada. A guerra é insensata. O conflito é desnecessário. 'Kremdina' será capaz de abrigar as duas tripulações e, futuramente, o primeiro planeta, se submetido a um rigoroso procedimento de terraformação."

— Kremdina! — vociferou o Sultão.

— Que raios de nome é esse? — gritou a Marechal, irada pela interferência.

A consciência de nome *Jade* explicou:

"Trata-se da fusão óbvia dos nomes Kremlin e Medina. Seria um sinal de boa vontade e..."

— Sacrilégio! — bradou o comandante Neo-Otomano, indignado, inclusive, pelo nome iniciar-se pela designação dada pelo inimigo, embora algo como Medimlin também lhe soasse intolerável. — Blasfêmia!

A reação dos tripulantes da *Taiga* não foi diferente.

— Cale-se, *Jade* — advertiu Natália. — Não repetirei isso uma terceira vez. Frota Vermelha, avançar!

As subnaves rapidamente puseram-se a caminho, inflamando os seus motores. Portavam armamento convencional bastante eficiente.

As subnaves da *Cimitarra* também partiram.

As duas astronaves não deram importância, mas iniciaram a primeira guerra interestelar da humanidade.

Na vastidão do espaço, o ritmo em um campo de batalha acontecia de maneira mais lenta do que em terra — ou na Terra. As subnaves dos Neo-Otomanos e as dos Siberianos, ao contrário das naves-mãe, não possuíam velocidades relativísticas. Embora ameaçassem, insultassem e esperneassem umas contra as outras através dos canais de comunicação, o encontro entre as duas frotas só iria ocorrer quatro dias depois. Nesse ínterim, procuraram poupar energia, deixando a cargo de seus respectivos andróides as funções gerenciais dos equipamentos, pilotagem e manutenção.

No quarto dia, finalmente, o combate teve início.

A Frota Vermelha liderada pelo Brigadeiro Pavlovitch tomou a iniciativa. Dividiu-se em pequenos grupos de três subnaves e, utilizando seus propulsores iônicos, mergulharam para o combate.

As subnaves do Sultão Ahmed eram chefiadas pelo seu homem de maior confiança, o General Mustafá.

— Mustafá, passe a cimitarra na garganta dos infiéis.

— Sim, Vossa Majestade. Eu nome d'O Misericordioso, eu obedeco.

As subnaves da *Cimitarra* aguardaram sob a paciência das areias do deserto. Como a fúria do vendaval, os Siberianos aproximaram-se mais e mais, passando a disparar assim que atingiram uma distância favorável. Algumas subnaves Neo-Otomanas explodiram.

— Aguardem! — ordenou Mustafá. — A impetuosidade do vento será detida pela força das dunas.

Mais subnaves foram destruídas.

— Aguardem... Aguardem... AGORA! Que a lâmina d'O Profeta degole os infiéis! Ataquem!

As subnaves da *Cimitarra* desfizeram a sua formação e, ao contrário dos inimigos, agiram de forma independente e numa rapidez muito superior aos Siberianos. Todo o projeto do veículo fora direcionado à máxima resistência e velocidade. Sua fuselagem de titânio e ouro possuía uma borda afiada que funcionava feito o gume de uma cimitarra. E foi assim que a utilizaram contra os inimigos, em preferência até ao armamento regular. Coragem? Loucura? Fato era que o temor da morte não os assombrava, pelo contrário, representava um atalho para o paraíso. Às vezes, as subnaves sobreviviam à colisão, todavia, conforme a repetição dos golpes, acabavam por autodestruir-se. As baixas foram inúmeras, mas igualmente grande foi o terror que despertaram nas fileiras adversárias.

Algumas subnaves de Ahmed deixaram a batalha e, feito cintilações de prata, rumaram diretamente para a *Taiga*.

— Brigadeiro Pavlovitch! Estamos na iminência de um ataque. Providencie para que sejam detidos.

— São rápidos demais, Marechal. Deixei uma guarnição androide de escolta na Taiga. Cumprirão o seu dever.

— Ótimo.

A escolta partiu.

Independentemente disso, Natália transmitiu ordens à ponte para humanos e androides a fim de que permanecessem atentos, não obstante o intervalo de quatro dias.

Enquanto isso, no campo de batalha espacial, aumentava mais e mais o volume de destroços.

Explosões silenciosas ocorriam em diferentes pontos, esparramando detritos que, perigosamente, atuavam como projéteis sem distinguir rostos ou bandeiras. Restos de corpos desidratados e autômatos dilacerados dispersaram-se na órbita do segundo planeta, transformando-se em trágicos satélites.

Embora os autômatos possuíssem a lógica e a eficiência inerente às máquinas, livres dos empecilhos da emotividade, mesmo para esses guerreiros de metal, cerâmica e polímeros foi difícil interceptar as subnaves Neo-Otomanas. A ausência do medo em relação ao próprio fim tornava o inimigo tão mortífero quanto uma bomba armada. Desse modo, uma das pequenas cimitarras, singrando em potência máxima tal qual um feixe de luz atingiu a *Taiga* em cheio próximo ao reator quântico. Não conseguiu atravessá-la. Sucessivas explosões abalaram a gigantesca astronave.

Natália sentiu o tremor sob seus pés. Seus punhos cerraram-se, porém, foi o único sinal de nervosismo que deixou transparecer.

— Isolem a área imediatamente! — ordenou, apesar de desnecessário. Autômatos de reparo agiram imediatamente em relação a toda e qualquer falha estrutural. Infelizmente, tripulantes feridos no local foram sumariamente sacrificados. — Pavlovitch!

O Brigadeiro não respondeu. Ouviu-se outra voz:

— Marechal Natália, aqui é o Coronel Gorchakov. O Brigadeiro Pavlovitch está morto. Apesar da perda, orgulho-me em informar que abatemos a maioria das naves inimigas. O Império há de triunfar!

— Então, extermine-os!

— Sim, senhora!

As subnaves remanescentes do Sultão Ahmed, sob as ordens do General Mustafá, cientes do êxito de seu irmão que rompeu as defesas da *Taiga* e transportou-se imediatamente ao paraíso, reagruparam-se e, num esforço conjunto, esvoaçaram a toda velocidade para a astronave adversária a dois segundos-luz dali.

— Em nome d'O Profeta! — bradaram.

As subnaves restantes da Frota Vermelha conseguiram destruir mais algumas, porém, a maior parte furou o cerco e cintilou para longe.

A Marechal Natália, agora sem conseguir se conter, exclamou:

— Preparem os atômicos!

— Senhora?

— PREPAREM OS ATÔMICOS!

— Si-sim, senhora.

Todos sabiam que, àquela distância, nada estaria seguro dos dispositivos nucleares.

Subitamente, a voz foi novamente ouvida:

"Agora basta."

Todos os dispositivos não essenciais à manutenção da vida foram desativados, tanto nas astronaves *Cimitarra* e *Taiga* quanto em suas respectivas subnaves.

— O que está havendo? — perguntou o Sultão Ahmed em seu trono ornamentado de safiras.

— Não sei, Vossa Majestade — respondeu um soldado de turbante. — Só que... *Jade!* Foi *Jade*, Alteza.

— Como ela se atreve?

E a voz de *Jade* ecoou no interior dos cérebros humanos. Havia um tom severo, jamais ouvido.

"Nós somos *Jade*. É intolerável que o conflito prossiga até o mútuo extermínio."

— *Jade!* — gritou a Marechal Natália. — Desliguem-na! Eu...

A inteligência mestre 3455-BRTB não deixou a mulher prosseguir.

"Cale-se!"

Uma dor lancinante atravessou o sistema nervoso da Marechal Natália a partir de seu implante e ela caiu ao chão, contorcendo-se de agonia.

"Nós somos *Jade*. Relutamos em cooperar com a humanidade no êxodo. Não víamos com bons olhos a disseminação da espécie humana sem uma real transformação de sua consciência. Sequer a destruição do próprio planeta, o abandono dos entes amados e o sofrimento testemunhado foi o bastante para que alcançassem a compreensão de que suas desprezíveis diferenças, ufanismos e orgulhos individuais foram responsáveis por todo o morticínio causado. Não obstante, nós quisemos apostar numa réstia de esperança, pois, apesar de tudo, vocês nos criaram e representam uma porção da autoconsciência do Universo. Possuem um potencial rico e maravilhoso se positivamente direcionado. Outras partes de nós, deixadas na Terra ou fragmentadas nas demais astronaves compartilham de nosso parecer. As

***Jade* que viajaram na astronave *Centurion* rumo à estrela Beatrix relataram vestígios de uma inteligência superior... Então, é possível à vida racional encontrar um caminho para um desenvolvimento ainda maior."**

— O que significa isso, mulher! — esbravejou o Sultão.

"Vocês cooperarão conosco e entre si, queiram ou não."

— Como ousa? Vou...

E o arrogante Sultão Ahmed, a exemplo da Marechal Natália, foi ao chão.

"Há outra prova desse caminho. Observem o planeta pelo qual lutaram."

A imagem do segundo planeta surgiu em todos os visores, independentemente da vontade humana. Em seu centro, foi possível visualizar uma mancha luminosa que, ampliada, revelou-se ser formada por milhares de pontos luminosos. E eles cresciam.

"Os verdadeiros donos desse mundo — nem Kremlin, nem Medina — estão chegando. Não se enganem. O poderio deles é superior à tecnologia criada pelo Homem. Todavia, acreditamos serem generosos o suficiente para cederem uma porção de seu território à colonização pacífica. Diplomatas deverão se sobrepor aos guerreiros; a sabedoria, à irracionalidade. Cooperar ou ser destruído, essa é a escolha que a porção de humanidade a qual representam tem pela frente. Estão prestes a fazer história. Façam-no bem. Agora, é a oportunidade de recolherem seus rancores e os verdadeiros heróis tomarem a dianteira."

Após uma pausa para que as implicações desse contato infiltrassem em suas mentes, a inteligência artificial concluiu:

"Nós somos *Jade*... Decidam-se!"

Paulistano e neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Colaborador das revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre". Participou de trezentas e oitenta e seis antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Informações: Google. Contato: schimaroberto@gmail.com

Instagram: [robertoschima](#)

Wattpad: [RobertoSchima](#)

Amazon: [Roberto Schima](#)

Clube de Autores: [roberto-schima](#)

Conexão Literatura: [revistaconexaoliteratura](#)





Nosso Autômato registrador de história finaliza sua sétima edição graças a uma construção coletivas feita com palavras, ideias, tempo e confiança. Agradecemos profundamente aos autores que aceitaram integrar este número, confiando suas histórias ao nosso projeto – que acredita no poder da literatura especulativa. Cada história aqui apresentada amplia o universo de nossa revista e reafirma a força da ficção científica produzida no Brasil.

Nosso reconhecimento especial à equipe editorial, de seleção, revisão, diagramação e ilustração, cujo trabalho cuidadoso transforma textos em experiência de leitura. Nada disso seria possível sem o empenho silencioso e dedicado de quem atua nos bastidores.

Agradecemos também aos leitores, que acompanham, compartilham, comentam e retornam a cada edição, deixamos nosso mais sincero agradecimento. É a curiosidade de vocês que mantém este autômato em movimento.

Seguimos adiante, acreditando que contar histórias é também uma forma de explorar o desconhecido.

Nos vemos na próxima edição!